

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
WASHINGTON SOUZA DE MELO

MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO: UMA ANÁLISE DE
GÊNERO A PARTIR DA FORMAÇÃO E OCUPAÇÃO PROFISSIONAL

São Leopoldo
2016

WASHINGTON SOUZA DE MELO

MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO: UMA ANÁLISE DE
GÊNERO A PARTIR DA FORMAÇÃO E OCUPAÇÃO PROFISSIONAL

Trabalho Final de Mestrado
Profissional Para obtenção
do grau de Mestre em
Teologia Escola Superior de
Teologia no Programa de
Pós-Graduação na Linha de
pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: Professor Doutor André Sidnei Musskopf

São Leopoldo
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M528m Melo, Washington Souza de
Mulheres no mercado de trabalho: uma análise de
gênero a partir da formação e ocupação profissional /
Washington Souza de Melo ; orientador André Sidnei
Musskopf. – São Leopoldo : EST/PPG, 2016.
77 p. : il. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2016.

1. Mulheres – Emprego. 2. Mulheres – Condições
sociais. 3. Discriminação de sexo no emprego. 4. Mulheres
no cristianismo. I. Musskopf, André Sidnei. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

FACULDADES EST

WASHINGTON SOUZA DE MELO

MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO: UMA ANÁLISE DE GÊNERO A PARTIR DA FORMAÇÃO E OCUPAÇÃO PROFISSIONAL

Trabalho Final de Mestrado
Profissional Para obtenção
do grau de Mestre em
Teologia Escola Superior de
Teologia no Programa de
Pós-Graduação na Linha de
pesquisa: Ética e Gestão

Data: 12 de janeiro de 2016

Professor Doutor André Sidnei Musskopf – Presidente

Professor Doutor Iuri Andréas Reblin

Dedico este trabalho àqueles e àquelas que acreditaram e também fazem parte na realização de um sonho da minha vida, que é a obtenção do título de Mestre. Acredito que eu não teria conseguido se não fosse pela ajuda e compreensão e companheirismo tanto da minha família quanto daquelas pessoas amigas que de forma discreta e silenciosa compartilharam momentos de dúvidas e apreensão nesta caminhada ao longo destes dois anos.

AGRADECIMENTO

Agradeço ao professor Doutor André Sidnei Musskopf por ter colocado à minha disposição seus conhecimentos sobre o tema, e não menos importante, sua paciência e dedicação para que eu pudesse realizar esta pesquisa, e também a todos os funcionários e funcionárias da biblioteca da EST que sempre se mostraram muito solícitos(as) no atendimento para comigo e também aos colegas de trabalho que no momento certo deram suas contribuições em forma de incentivos e dedicando parte do seu tempo para ouvirem meus questionamentos sobre o tema da minha pesquisa, entre esses está o professor Doutor Jorge Manuel Adão. Agradeço também pela colaboração e ajuda no incentivo à pesquisa ao Secretário de Saúde onde sou lotado Sr. Felipe Alves Cezário.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo verificar as mulheres no mercado de trabalho e fazer análise de gênero a partir da formação e ocupação profissional através do exame dos elementos ou principais fatores que influenciam a sociedade no seu modo de pensar e agir. Será dada atenção ao fenômeno por intermédio da leitura bibliográfica disponível que trata da participação das mulheres no espaço de trabalho. Serão considerados aspectos sociológicos e econômicos bem como sua interação com questões religiosas e suas influências no processo de mobilidade funcional no local de trabalho e também a influência da escolarização feminina como elemento diferenciador neste processo. A cultura androcentrista que considera a colocação no mercado de trabalho como resultado de influência sexista parece trazer influências nas desigualdades de gênero. Apesar de mudanças significativas em tempos recentes principalmente em relação aos direitos trabalhistas das mulheres, hoje ainda se observa a cultura de preparação das meninas para a submissão aos homens. Esta se justifica ao considerar diferentes elementos sociais como a influência dos valores éticos e teológicos e culturais no processo que tentam condicionar as mulheres em desigualdade no mercado de trabalho. Assim, através de vários autores e várias autoras como por exemplo May, Eggert, Colling entre outros(as) busca-se traçar o perfil cultural do tratamento que é dispensado às mulheres no atual contexto social. Este perfil da sociedade resulta no tratamento que é dado às mulheres no trabalho e não o contrário. São várias as instituições que fazem parte da sociedade e todas elas contribuem de alguma forma, tanto a educação quanto a religião tiveram sua importância para a ideologia dominante dos homens sobre as mulheres.

Palavras-chave: Mulheres. Gênero. Mercado de trabalho. Desigualdade. Cultura.

ABSTRACT

The goal of this work is to verify women in the work market and make an analysis of gender based on the formation and professional occupation through an examination of elements or the main factors which influence society in its way of thinking and acting. Attention will be given to the phenomenon through available bibliographic reading which deals with the participation of women in the work space. Sociological and economic aspects will be considered as well as their interaction with religious issues and their influences in the process of functional mobility at the work place and also the influence of female schooling as a differentiating element in this process. The androcentrista culture which considers the placement in the work market a result of sexist influence seems to influence the inequalities of gender. In spite of significant changes in recent times, mainly in regard to the worker rights of women, one can still observe today the culture of preparing the girls to submit to the men. This is justified as one considers the different social elements as the influence of the ethical, theological and cultural values in the process which tries to condition women to inequality in the work market. Thus, through various authors such as May, Eggert, Colling among others, one seeks to draw out a cultural profile of the treatment dispensed on women in the current social context. This profile of the society results in the treatment dispensed on women at the work place and not the contrary. There are various institutions which make up society and all of them contribute in some way. Both education as well as religion had their importance for the dominating ideology of men over women.

Keywords: Women. Gender. Work market. Inequality. Culture.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 -Evolução das taxas de homicídio de mulheres (por 100 mil). Brasil. 1980/2013.....	27
Gráfico 2- Evolução das matrículas de Educação Superior de Graduação, por Categoria administrativa Brasil – 1980 – 2013.....	34
Gráfico 3 - Evolução da matrícula na educação superior por modalidade de ensino – Brasil 2003-2013.....	35
Gráfico 4 - Evolução da matrícula na ensino superior de graduação curso-Brasil 2013.....	36
Gráfico 5 - Matrículas e concluintes na educação superior por gênero – Brasil – 2013.....	37
Gráfico 6 - Indicadores do mercado de trabalho para população de 15 anos ou mais por sexo (Brasil, 2011-2012).....	56
Gráfico 7 - Rendimento médio real habitual da população ocupada com nível superior, por grupamentos de atividade, segundo o sexo (em R\$ a preços de dezembro de 2011) – 2003 e2011.....	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dez maiores Cursos de Graduação em Número de Matrículas, por Gênero–Brasil–2013.....	38
Tabela 2 - Distribuição percentual de professores por sexo, segundo os grupos de níveis de ensino em que trabalham. Brasil e regiões, 2009.....	43

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1 ÉTICA, TEOLOGIA E DESIGUALDADE DE GÊNERO.....	23
1.1 Influência da ética e da teologia no comportamento social.....	23
1.2 Desigualdade de gênero na sociedade	28
2 EDUCAÇÃO GÊNERO E MERCADO DE TRABALHO	31
2.1 Educação e gênero	31
2.2 A presença e a formação de mulheres na educação superior.....	33
2.3 Gênero e mercado de trabalho.....	38
3 A REALIDADE DO MERCADO DE TRABALHO PARA MULHERES.....	47
3.1 Dificuldades no mercado de trabalho.....	47
3.2 Proteção e exclusão no trabalho.....	54
3.3 Ocupação e ascensão profissional.....	58
3.4 Barreiras na ascensão profissional.....	59
CONCLUSÃO	69
REFERÊNCIAS	73

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa propõe verificar as mulheres no mercado de trabalho e fazer análise de gênero a partir da formação e ocupação profissional¹. Este tipo de análise se mostra importante porque, tradicionalmente, as mulheres tem sido esquecidas ou deixadas de lado quando se fala em igualdade de gênero na relação trabalhista.

As desigualdades de gênero podem ser relacionadas como um dos grandes problemas enfrentados pela humanidade nos dias atuais. Esta desigualdade pode significar a existência do patriarcalismo ainda presente nas mais diversas sociedades e que exerce sua influência nas mais diferentes organizações. Os processos de exclusão das mulheres em determinadas atividades laborais podem estar associadas a compreensões e práticas machistas e patriarcais. Se as mulheres são vistas em um número cada vez maior exercendo trabalhos fora do lar, isto pode ser um indicativo de que a sociedade está no caminho para se chegar à igualdade de gênero? Que tipo de profissões e funções as mulheres mais ocupam? Ao longo do tempo percebe-se que existe também um aumento do número de mulheres ingressando no ensino superior e que supera o número de homens. O que isso significa em termos de mercado de trabalho?

O que se propõe com esta pesquisa é fazer uma análise através de materiais bibliográficos para verificar se está havendo uma diminuição das desigualdades de gênero no mercado de trabalho. Serão analisados alguns dos fatores sociais que podem contribuir para esta diminuição. O primeiro fator a ser observado é o desenvolvimento da educação no Brasil e sua relação com o crescimento da ocupação da mão de obra feminina no mercado de trabalho até os dias atuais. Isso implica verificar até onde o aumento do número de mulheres em cursos de graduação pode contribuir para esta diminuição das desigualdades de gênero e

¹ Para dar início às considerações a cerca do assunto “gênero” é interessante usar as explicações da professora Joan Scott da Escola de ciências Sociais do Instituto de altos Estudos de Princeton, Nova Jersey sobre o significado desta palavra. Segundo Scott (1989) palavras e ideias e o significado delas tem uma história. Ela alerta que é difícil para todos(as) e inclusive estudiosos(as) entender os significados da imaginação humana. De acordo com a autora acima citada, a palavra “gênero” foi usada ao longo do tempo de maneira figurada para indicar traços de caráter ou traços sexuais. Mais recentemente as feministas começaram a usar a palavra “gênero” com a intenção de indicar a organização social da relação entre os sexos em substituição a palavra “sexo” ou “diferença sexual” que está implícito o determinismo biológico. Portanto o significado da palavra “gênero” neste trabalho terá o significado pretendido pelas feministas.

verificar a influência da qualificação da mão de obra oferecida por mulheres neste processo. Também será observado a influência dos valores éticos e teológicos e culturais no processo de manutenção ou diminuição das diferenças de gênero no mercado de trabalho.

A metodologia deste trabalho orienta-se pela base teórica do interacionismo simbólico estrutural². Segundo esta base teórica é possível entender aspectos importantes na construção das identidades de gênero. O interacionismo simbólico estrutural, segundo Stryker, possui em seu conteúdo ideias que possibilitam a interação social da pessoa e sua autogerência no que se refere a dar significado ao meio onde está inserido(a). Por estar inserida no campo das teorias estruturalistas é possível relacionar com a Teoria de Papéis onde os(as) indivíduos(as) estão alocados(as) em estruturas sociais que impõem forças coercitivas em seu modo de agir. Silveira diz que “A teoria de papéis está preocupada com o efeito do sistema social sobre o indivíduo, enquanto o interacionismo simbólico está preocupado com o processo pelo qual o indivíduo interage com esse sistema social”.

Martins³ entende que nas ciências sociais a estrutura social é definida pelo papel social sendo que a estrutura é um conjunto de “normas, direitos, deveres e expectativas que condicionam o comportamento humano dos indivíduos junto ao grupo ou dentro de uma organização”. Um dos quesitos para se conseguir a interação social é através do papel que o ator ou atriz desempenha na sociedade.

Ainda segundo Martins Eduardo Simões⁴, os papéis desempenhados pelos atores ou atrizes recebem seu valor e significado da própria sociedade. Deste modo a socialização que ocorre dentro da sociedade confere o que se chama de papel social e este funciona como padrão para os(as) componentes desta sociedade. A sociedade a partir desses padrões é capaz de garantir prestígio, privilégios de acordo com fatores históricos, sociais, econômicos e organizacionais e também pode definir a posição que cada um(a) ocupa na sociedade.

² SILVEIRA, Nereida Salette Paulo. **Mulheres gerentes: construindo as identidades de gênero no trabalho**. Tese (Doutorado em Administração de Empresas) Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010. Disponível em: <http://tede.mackenzie.com.br/tde_arquivos/1/TDE-2010-12-08T161456Z-1053/Publico/Nereida%20Silveira.pdf>. Acesso em: 02/11/2015.

³ MARTINS, Eduardo Simões. **Os papéis sociais na formação do cenário social e da identidade**. *Kinesis*, Vol. II, n° 04, Dezembro-2010. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/Ospapeissociaisnaformacao.pdf>> Acesso em: 04/11/2015.

⁴ MARTINS, 2010, p. 43.

De acordo com Rita de Cássia Lima, estudos sobre análises sociológicas que formaram a base da Escola de Chicago em sua doutrina apontam que tanto a ideia científica como a ideia do cotidiano baseava-se na experiência. Esta Escola em seus estudos sobre os grupos sociais associava o modo de vida desses grupos e sua interação com a sociedade⁵. Ainda segundo a autora as relações sociais e o papel que a pessoa desempenha na sociedade é que irá constituir a pessoa, e essa interação está relacionada ao mundo simbólico. O símbolo é o alicerce no qual se encontra o sentido que cada indivíduo dá a suas ações. Mas este mesmo sentido encontra-se interligado com o processo de interação.

De acordo com Silveira na abordagem estruturalista a sociedade apresenta um comportamento completamente dinâmico e não deve ser observada como uma estrutura com um único formato. Trata-se de estruturas relativamente estáveis que refletem padrões onde os papéis sociais se apresentam nas ações humanas⁶.

Segundo a autora:

Do ponto de vista da abordagem do interacionismo simbólico estrutural a reprodução das relações estruturais no processo de interação não é uma função da posição social, por si só, mas a representação internalizada dessa posição como uma identidade. Dessa forma, a identidade torna-se a ligação entre a estrutura social e o *self*.⁷

Apesar de todos avanços individuais alcançados pelas mulheres nos mais diversos campos profissionais na divisão social do trabalho ainda prevalece a divisão sexual do trabalho de acordo com os papéis de gênero. Prevalece as diferenças “sociais de trabalho entre países, sexos, raças e gerações”⁸. A hipótese desta pesquisa é que apesar de todo aumento no número de graduandas e de mulheres no mercado de trabalho este não é o fator que determina a diminuição das desigualdades de gênero. Esta pesquisa é de natureza exploratória, e busca fornecer um maior conhecimento sobre o assunto. Também é descritiva porque oferece a descrição das características da experiência de mulheres no trabalho. É explicativa também porque visa encontrar os fatores que colaboram para o

⁵ LIMA, Rita de Cássia Pereira. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(1): 185-201. **Sociologia do desvio e interacionismo**. maio de 2001.

⁶ SILVEIRA, 2010, p. 10.

⁷ SILVEIRA, 2010, p. 10.

⁸ STANCKI, Nanci. **Divisão sexual do trabalho: a sua constante reprodução**. Disponível em: <http://www.pucsp.br/eitt/downloads/eitt2003_nancistancki.pdf>. Acesso em: 06/11/2015

diferenciamento no tratamento entre homens e mulheres no mercado de trabalho⁹.

A etapa do levantamento bibliográfico desta pesquisa foi iniciada em janeiro de 2014 na biblioteca da Escola Superior de Teologia localizada em São Leopoldo Rio Grande do Sul e teve continuidade nas bibliotecas da Universidade Católica de Brasília-Distrito Federal, faculdade Fortium no Gama-Distrito Federal e também na Universidade Estadual de Goiás (UEG) Campus Luziânia. As pesquisas realizadas para este trabalho na rede mundial de computadores foram realizadas seguindo um critério de cautela, pois nem todo material disponível na rede mundial passa por algum tipo de certificação ou fiscalização de suas informações. Por este motivo foram usados como fontes sítios com publicações científicas bem como bancos de dados governamentais¹⁰.

O primeiro capítulo trata da influência da ética e da teologia e desigualdade de gênero nos comportamentos sociais onde a moral que é aceita na sociedade influencia todos os seus membros.

O segundo capítulo, intitulado “educação gênero e mercado de trabalho”, trata do processo de educação no Brasil no seu início e os vários obstáculos para as mulheres frequentarem os bancos escolares, e também realiza uma análise do mercado de trabalho por gênero.

O terceiro capítulo trata da realidade do mercado de trabalho para mulheres com suas perspectivas e obstáculos para atingir cargos diretivos.

Nas considerações finais sobre o assunto abordado, reflete-se sobre as questões levantadas apontando algumas questões a partir das informações apresentadas por diversos autores e diversas autoras utilizadas como fonte para essa pesquisa.

⁹ GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41,162.

¹⁰ ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

1 ÉTICA, TEOLOGIA E DESIGUALDADE DE GÊNERO

1.1 Influência da ética e da teologia no comportamento social

A ética e a moral são desenvolvidas pela própria sociedade e são questões sociais que podem interferir nas relações de gênero. Os valores e normas que servem de orientação de conduta das relações entre as pessoas têm influência direta no tratamento dispensado às mulheres. De acordo com May, a ética e a moral estão em evidência atualmente não só pela importância mas também pelo abuso das autoridades e elites da sociedade, a burla das leis que protegem o meio ambiente e a segurança pública e o trabalho¹¹. O aumento da criminalidade e da violência se tornaram coisas comuns, existe um aumento das desigualdades que excluem grandes parcelas da população inclusive as mulheres e há perda generalizada de valores.

Os problemas que afetam a sociedade atual ocasionando grandes desigualdades sociais para Platão e Aristóteles também foram motivo de estudo. Mas, para esses filósofos as diferenças sociais não eram o motivo da sua preocupação tanto que para Platão uns tinham nascido com o ouro e outros com a prata, e para Aristóteles uns eram senhores por natureza e outros eram escravos. Com o passar do tempo as desigualdades sociais foram aceitas como sendo instituídas por deuses ou pelos demônios. Mesmo o pensamento cristão de igualdade perante Deus não foi capaz de conceder igualdade para as mulheres¹².

Aquilo que é estabelecido por determinadas correntes religiosas como sendo moral e ético acaba sendo, muitas vezes, aceito pela sociedade. No caso do cristianismo, por exemplo, Pena diz que as mulheres carregam a responsabilidade pelo pecado original de Adão, pois “pela mulher, o diabo triunfou sobre Adão” sendo ela a causa do mal, a porta do inferno¹³.

De certo modo, a tradição das igrejas fez da mulher a culpada por todas as mazelas sofridas por elas. Araújo, diz que ainda no período colonial a própria Igreja

¹¹ MAY, Roy H. **Discernimento moral: uma introdução à ética cristã**. Tradução de Walter O. Schulupp. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

¹² FORACCHI, Marialice Mencarine; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. RJ, Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 119.

¹³ PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres e trabalhadoras**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

ainda exerceu forte pressão no adestramento da sexualidade feminina¹⁴. Todos os membros da família tinham grande preocupação para com o comportamento da mocinha virgem, a própria sociedade criou costumes com a intenção de abafar os desejos sexuais para que não fosse quebrada a ordem das instituições civis e religiosas.

Eggert comenta que em uma sociedade cujo centro é o homem permanece a construção e manutenção de valores, representações, normas, imagens, práticas sociais, simbologias que justificam a inferioridade da mulher¹⁵.

Com influência de várias organizações e principalmente das igrejas, a sociedade é capaz de estabelecer as funções para o homem e para a mulher como sendo natural ou própria de acordo com características identificadas como adequadas do ponto de vista de gênero. Essas estruturas estabelecidas pela sociedade podem diferenciar em relação ao período histórico e também de acordo com o nível cultural e social vigentes¹⁶.

Esta influência pode ser tendenciosa, segundo André S. Musskopf por exemplo, ele reflete sobre a ideia de cultura influenciada pelo pensamento androcêntrico na interpretação das escrituras bíblicas que tendem a contribuir para preconceitos e discriminação¹⁷.

O que se estabelece em sociedade como norma é transmitido para as famílias por intermédio dos contatos com as diversas organizações, entre elas: escolas, igrejas, comunidades e Estado, entre outras. Esta é a via básica de transmissão de normas valores da cultura e isto se dá através de ensinamentos do que é ser homem ou mulher desde o nascimento¹⁸.

O que se vê no período atual do Brasil é uma interação entre diversas denominações cristãs e os três níveis dos governos, municipal, estadual e federal. Isso fica muito evidente pela participação política das várias igrejas evangélicas, no que se conhece como “bancada evangélica”. Essa interação das religiões com as

¹⁴ ARAÚJO, Emanuel. **A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia**. In: Mary Del Priori (org.); Carla Bassanezi Pinsky (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 10 ed., São Paulo: Contexto, 2012. p. 45 a 77.

¹⁵ EGGERT, 2011, p. 29.

¹⁶ MARODIN, Marilene. **As relações entre o homem e a mulher na atualidade**. In: Organização de Marlene Neves Strey (org.); *Mulher estudos de gênero*. São Leopoldo: UNISINOS, 1997. p.10.

¹⁷ MUSSKOPF, André Sidnei. **Talar rosa: homossexuais e o ministério na igreja**. São Leopoldo: Oikos, 2005. p.179-180.

¹⁸ MARODIN, 1997, p.10-11.

três esferas de governo traz consequências nas políticas adotadas para a sociedade. As religiões influenciam as políticas adotadas pelos governos, pois elas se tornaram parte dos governos e por isso também são responsáveis diretas pelo tratamento dispensado às mulheres¹⁹.

Prandi reforça esta ideia ao comentar que sociólogos dizem que a religião é internalizada no indivíduo interferindo na própria visão do mundo, e capaz de mudar hábitos e inserir valores, ou seja capaz de orientar a conduta²⁰. Também segundo antropólogos citados ainda por Prandi, a cultura é capaz de orientar e dar significado às ações humanas.

A cultura de um povo é influenciada pela religião até mesmo para o seu desenvolvimento intelectual ou material e isso fica claro quando Weber ressalta que os diferentes ramos do protestantismo contribuíram para o desenvolvimento do capitalismo, uns de forma mais acentuada do que outros. Uma das maneiras pela qual o capitalismo foi ajudado em seu início foi através da educação que tanto jovens homens e mulheres recebiam por intermédio das suas religiões, isso contribuiu para um melhor aproveitamento e desenvolvimento da mão de obra. As mulheres protestantes estavam mais bem preparadas e podiam visualizar as vantagens econômicas em obter maior conhecimento sobre procedimentos que aumentassem sua produtividade onde trabalhassem²¹.

Sinner reconhece a importância da participação das religiões na sociedade e afirma que apesar de se observar com o passar do tempo acontecer a diminuição da influência da religião na vida da sociedade principalmente nos governos da Europa, isso não significa que a Igreja deixou de ter influência em questões importantes, principalmente onde a sociedade não chegou a um consenso²². A Igreja continua exercendo sua opinião com muita força nas principais questões que envolve a sociedade de maioria Católica. Em alguns casos a influência das igrejas até

¹⁹ BURITY, Joanildo A. **Religião, política e cultura**. Tempo soc., São Paulo, v. 20, n. 2, p. 83-113, nov. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 set. 2015.

²⁰ PRANDI, Reginaldo. **Converter indivíduos, mudar culturas**. Tempo soc. São Paulo, v. 20, n. 2, p. 155-172, nov. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 set. 2015.

²¹ WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi; Tomás J. M. Szmrecsányi. 15 ed. São Paulo: Pioneira, 2000. p.40

²² SINNER, Rudolf von. **Teologia pública: um olhar global**. In: Roberto E. Zwetsch, Ronaldo Cavalcante e Rudolf von Sinner(Orgs.). São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011. V. 1. p.11-12.

aumentou. Contudo, hoje, o que se percebe é a necessidade de um diálogo maior entre as diversas forças religiosas para que se consiga alcançar um bem-estar comum.

As desigualdades entre as classes sociais e de gênero são antigas. Elas refletem, em cada período da história, um tipo de moral²³ que é aceita pela sociedade. Por exemplo, houve períodos históricos em que era normal e moralmente aceito escravizar pessoas e a própria sociedade passou a depender deste tipo de mão de obra. Dentro dessa lógica certas sociedades eram divididas entre homens livres e escravos e a partir disso existia também uma divisão de moral. A moral dos livres era baseada nas doutrinas éticas dos grandes filósofos gregos e este tipo de moral só valia para as pessoas livres. Uma vez que os escravos não eram considerados pessoas, mas, sim, objetos, podia-se vendê-los, matá-los sem que a consciência dos homens livres fosse afetada. Por analogia o que acontece com as mulheres não é muito diferente do que aconteceu com os escravos e as escravas, pois, se elas não são iguais aos dominantes, não estão debaixo das mesmas normas de moral, assim não se tem qualquer tipo de remorso no trato com elas²⁴.

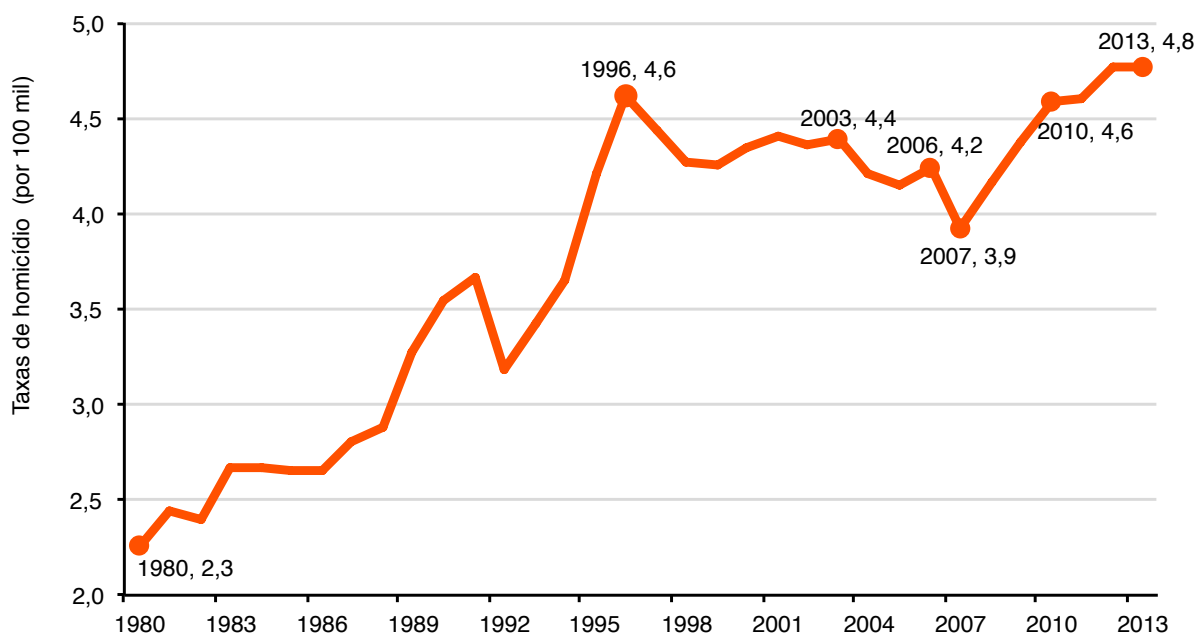
A violência contra as mulheres no Brasil não é novidade, os índices são alarmantes, e por isso, preocupante. Com base nos dados do Sistema de Informações de Mortalidade (SIM) da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS), do Ministério da Saúde (MS), Waiselfisz, apresenta as informações sobre homicídios de mulheres. De 1980 a 2013 as vítimas de homicídios totalizaram 106.093 mulheres. Em 1980 as vítimas somavam 1.353 mulheres, já em 2013 esse número subiu para 4.762 mulheres, um aumento de 252%. Em 2006 foi sancionada a Lei nº 11.340,

²³ Traços essenciais da moral – “1) A moral é uma forma de comportamento humano que compreende tanto um aspecto normativo (regras de ação) quanto um aspecto fático (atos que se conformam num sentido ou no outro com as normas mencionadas); 2) A moral é um fato social. Verifica-se somente na sociedade, em correspondência com necessidades sociais e cumprindo uma função social; 3) Ainda que a moral possua um caráter social, o indivíduo nela desempenha um papel essencial, porque exige a interiorização das normas e deveres em cada homem individual, sua adesão íntima ou reconhecimento interior das normas estabelecidas e sancionadas pela comunidade; 4) O ato moral, como manifestação concreta do comportamento moral dos indivíduos reais, é unidade indissolúvel dos aspectos ou elementos que o integram: motivo, intenção, decisão, meios e resultados, , por isso, o seu significado não se pode encontrar num só deles com exclusão dos demais; 5) O ato moral concreto faz parte de um contexto normativo (código moral) que vigora numa determinada comunidade, o qual lhe confere sentido; 6) O ato moral, como ato consciente e voluntário, supõe uma participação livre do sujeito em sua realização, que, embora incompatível com a imposição forçada das normas, não o é com a necessidade histórico-social que o condiciona (VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. Tradução de João Dell’Anna. 21 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 43).

²⁴ VÁZQUEZ, 2001, p. 83-84.

também conhecida como Lei Maria da Penha²⁵. Mesmo esta Lei ainda não foi suficiente para o fim da violência contra a mulher conforme o gráfico nº 1 abaixo.

Gráfico nº 1 - Evolução das taxas de homicídio de mulheres (por 100 mil). Brasil. 1980/2013.



Fonte: mapa da violência 2015. Homicídio de mulheres no Brasil

Observando-se os dados no figura acima, percebe-se que no período imediato após a entrada em vigor da Lei Maria da Penha, houve uma queda de 4,2 para 3,9 por 100 mil mulheres. Infelizmente nos períodos posteriores mesmo sob a vigência da Lei, a violência contra a mulher continuou a subir²⁶. Deste modo, percebe-se que o tipo de moral vigente na sociedade atual não tem contribuído de maneira significativa para a diminuição da diferença no tratamento de gênero no Brasil.

May argumenta com base na parábola de Jesus os motivos pelo qual a moral e a ética em muitos casos não diminuem as desigualdades de gênero²⁷. A ética cristã aborda uma questão-chave sobre quem é o próximo da parábola do bom samaritano de Jesus. Ali Cristo mostra que quem se aproximou do ferido que é o

²⁵ WAISELFISZ, Julio Jacobo. Mapa da violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil. FLACSO – Brasil, Brasília – DF, 2015. Disponível em: http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf. Acesso em: 20/11/2015.

²⁶ WAISELFISZ, 2015.

²⁷ MAY, 2008, p. 25.

próximo, ou seja, aquele que se colocou no caminho. A comunidade moral é aquela que se julga merecer a preocupação moral. É aquela com a qual se tem obrigações. Por exemplo, quem pertence a um determinado grupo e considera este melhor do que outros até a ponto de enxergar atributos humanos apenas no seu grupo, passa a ver as pessoas fora do grupo a que pertence como humanos imperfeitos e isso permitirá atitudes até desumanas contra esses grupos, sem ressentimentos.

De acordo com Castro, as atitudes do grupo muitas vezes não refletem o pensamento individual dos que compõem o grupo²⁸. Por isso a sociedade apresenta consciência coletiva e não individual, mesmo que individualmente alguns considerem errado a forma desigual de tratamento dispensado às mulheres. Nesse caso, o que prevalecerá é o pensamento e as atitudes do grupo.

A comunidade moral tem feito muitas exclusões dentro da sociedade. Entre elas está a escravidão dos povos negros africanos, e em consequência existe o racismo até hoje. A violência diária contra as mulheres e o estigma com que são identificadas pessoas homossexuais são outros exemplos. Isso mostra que a própria sociedade constrói comunidades morais que podem excluir ou incluir pessoas de acordo com a “proximidade”²⁹.

1.2 Desigualdade de gênero na sociedade

A humanidade hoje encontra-se dividida em vários grupos e, segundo Pereira *et al*, a equidade é um princípio que pode contribuir para que as pessoas sejam tratadas como iguais³⁰. Assim, mesmo que as pessoas apresentem suas diferenças de pensamento poderiam ser respeitadas e teriam uma vida plena com seus valores e sonhos. No entanto, segundo Eggert, a história das mulheres mostra que elas não têm liberdade, pois, são sempre ser que pertence a outro.³¹As pesquisas apontam o início do domínio dos homens sobre as mulheres a partir do que se chama a Idade dos Metais, que aconteceu por volta de quatro mil anos a.C até 476 d.C. No início

²⁸ CASTRO, Celso A. Pinheiro. **Sociologia do direito**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2001.

²⁹ MAY, 2008, p. 26.

³⁰ PEREIRA, Daniel Lanes; MACADAR, Marie Anne; TESTA, Mauricio Gregianin. XXXVIII encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, RJ. **Tecnologia da informação e comunicação para o desenvolvimento humano por meio da abordagem de capacidades**. 13 a 17 de setembro de 2014.

³¹ EGGERT, 2011, p. 16.

desse período apareceu o patriarcado que perdura até os dias de hoje, ainda de que de formas diferentes e variadas. O domínio dos homens sobre as mulheres, em princípio estava relacionado à necessidade da fidelidade para garantir filhos legítimos ao homem³².

Segundo Colling, as desigualdades de gênero são criadas segundo um conceito de hierarquia e a sociedade mantém estas diferenças por darem significado a elas³³. Amâncio, diz que as divisões de trabalho estão associadas ao estágio de desenvolvimento em que esta sociedade se encontra³⁴.

Ainda segundo Colling aquilo que é identificado como feminino, e, portanto, atribuído às mulheres, é caracterizado como “natureza, emoção, amor, intuição e é destinado ao espaço privado”, às atividades domésticas. Já o que é considerado masculino e atribuído aos homens apresenta as características relacionadas a “cultura, política, razão, justiça, poder e destinado ao espaço público”, atividades próprias para serem aplicadas no trato com o que é fora do lar³⁵. Esta dicotomia entre homens e mulheres constitui-se na desigualdade entre homens e mulheres o que proporciona sujeição das mulheres perante os homens e isso aparentando ser uma ordem universal e igualitária.

Somado aos discursos sexistas existe a ideia de algumas pessoas que o machismo adotado por alguns homens pode ser explicado pela biologia, através de características naturais que teriam sido adquiridas durante o processo evolutivo. Seguindo este tipo de raciocínio muitas das atitudes machistas são derivadas do processo evolutivo da espécie humana. Este tipo de pensamento é chamado de enfoque essencialista. Já no enfoque construtivista é a própria sociedade que vai ajudar a formar as características do indivíduo através do convívio. Portanto, o machismo não é resultado de características biológicas dos homens, mas do aprendizado, o que significa que os homens podem apresentar outros modelos de

³² BOTELHO, Louise de Lira; FIALHO, Francisco Antônio Pereira. VIII Convibra administração – Congresso Virtual Brasileiro de Administração. **Responsabilidade social e gênero nas organizações: novos paradigmas e desafios para a gestão responsável**. Disponível em: <http://www.convibra.org/upload/paper/adm/adm_2645.pdf>. Acesso em: 11/10/2015.

³³ COLLING, Ana. **A construção histórica do feminino e do masculino**. In: Marlene Neves Strey, Sonia T. Lisboa Cabeda, Denise Rodrigues Prehn (Orgs.) **GÊNERO E CULTURA: Questões Contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

³⁴ AMÂNCIO, Lígia. **Masculino e feminino: a construção social da diferença**. Edições Afrontamento, 1994.

³⁵ COLLING, 2004.

masculinidade diferente do machismo³⁶.

A ideia de diferenciação dos sexos baseada na biologia para dar certo precisa que seja ensinada e repetida várias vezes como se fosse um mantra. Isso acontece, de fato, desde cedo na vida das crianças, por exemplo, quando se diz a um menino “seja homem” ou “homem não chora”. O que se está tentando mostrar com isso é que existem valores associados ao masculino e que esses valores não estão associados ao feminino que é desvalorizado. Assim são criados valores e campos de poderes associados ao masculino que se tornam verdades que permeiam toda a sociedade³⁷.

A ideia de que mulheres e homens são diferentes ganhou destaque na sociedade não apenas no que diz respeito à biologia, mas a atributos que visam na maioria das vezes garantir a supremacia e não a igualdade de gênero. São muitos os fatores que influenciam na formação dos valores de uma sociedade, e entre eles estão a ética e a teologia.

³⁶ CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**; tradução Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: A Girafa editora, 2006. p. 28.

³⁷ STEVENS, Cristina et all. **Gênero Feminismos: convergências (in)disciplinares**. São Paulo: Exlibris, 2010.

2 EDUCAÇÃO GÊNERO E MERCADO DE TRABALHO

2.1 Educação e gênero

A educação é um ponto importante a ser abordado como elemento identificador das desigualdades de gênero. De acordo com Barba, Martos e Fonseca, tanto a educação quanto a religião tiveram sua importância para a ideologia dominante que determina a supremacia dos homens sobre as mulheres³⁸. Segundo Rosemberg no início da escola no Brasil católicos e protestantes disputavam fiéis ainda na infância por intermédio da educação. Neste momento os mestres responsáveis pelo magistério eram homens, fossem eles padres, pastores ou irmãos. Assim, a escola, no seu início, era masculina³⁹.

Segundo Matos e Borelli a educação das moças teve uma causa e esta estava relacionada à preocupação no Brasil com a mãe educadora e mercado de trabalho.⁴⁰ Foi a partir da influência do positivismo que incentivava modificações na sociedade por intermédio da educação que elas precisaram ser preparadas porque a mulher passou a ser reconhecida por seu papel como mãe e educadora e também na sua participação no mercado de trabalho.

As escolas normais públicas criadas nas décadas de 1830 e 1840 eram frequentadas apenas por homens, só mais tarde estas escolas acolheram moças. A educação estava por conta dos homens, desde o ensino básico até o superior. As restrições à educação das mulheres eram tantas que não é surpresa que a primeira mulher a ter uma graduação em Medicina, em 1882, tenha estudado nos Estados Unidos e não no Brasil, e só em 1879, com a Lei Leôncio de Carvalho, houve a oportunidade das mulheres brasileiras frequentarem a educação superior⁴¹.

A situação das mulheres na educação escolar ainda não lhes garantia condições de igualdade porque, de acordo com Louro, no final do século XIX, a preocupação da escola com as mulheres deveria ser estritamente a

³⁸ BARBA, M.C.; MARTOS, M.V.E.P.de; FONSECA, R.M.G.S. da. Rev. latino-am. enfermagem, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, **Genero y trabajo femenino en el Peru**. p. 23-31, abril 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v5n2/v5n2a04.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2015.

³⁹ ROSEMBERG, Flávia. **Mulheres Educadas e a Educação de mulheres** - In: Carla Bassanezi Pinsky e Joana M. Pedro (Orgs). Nova História das Mulheres. São Paulo: Contexto, 2012. p. 96-97.

⁴⁰ MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. **Espaço Feminino no Mercado Produtivo** – In: Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (Orgs). Nova História das Mulheres. São Paulo: Contexto, 2012. p.136.

⁴¹ ROSEMBERG, 2012, p. 336-337.

preocupação com a educação e não com a instrução⁴². Este tipo de pensamento se alastrava pelos diferentes níveis da sociedade, pois o que interessava era a construção do caráter das mulheres. Isso era considerado suficiente para garantir o sucesso, uma vez que as mulheres iriam precisar de moral sólida e bons costumes na família muito mais do que instrução porque seu destino era o cuidado com o lar.

As mudanças na educação escolar nos séculos passados, de acordo com Rosemberg, nada ou pouco fez para melhorar a educação das mulheres no Brasil⁴³. Isso é confirmado pelos censos de 1872 até 1950, que mostram uma realidade sem mudanças, onde os homens possuem um nível de analfabetismo bem menor do que o das mulheres. A partir da década seguinte passou a existir uma diminuição gradual na condição do analfabetismo das mulheres em comparação com os homens.

Mesmo havendo diminuição do analfabetismo entre as mulheres ainda existia a necessidade de mudanças nas escolas porque, segundo Louro, no final do século XIX a educação de meninos e meninas eram diferenciadas⁴⁴. O motivo para essa situação era que o objetivo final era diferente. Enquanto para os meninos o conteúdo curricular possuía noções de geometria, para as meninas existia o bordado e costura.

Com uma integração maior do currículo escolar entre meninos e meninas ocorreu, segundo Rosemberg, ao longo do tempo, a feminização da educação⁴⁵. As mulheres passaram a exercer uma profissão que exigia dedicação e cuidados com seus alunos e suas alunas e, assim, os profissionais e as profissionais da educação continuaram a ser vistos(as) como pessoas abnegadas e que deveriam se comportar com a mesma decência moral dos monges. O magistério deveria ser um sacerdócio e não um profissão que gerasse ganhos financeiros.

⁴² LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In: Mary Del Priori (org.); Carla Bassanezi Pinsky (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 10 ed., São Paulo: Contexto, 2012. p. 443-481.

⁴³ ROSEMBERG, 2012.

⁴³ LOURO, 2012.

⁴³ ROSEMBERG, 2012, p.96-97.

As grandes mudanças na educação para as mulheres começaram a acontecer, segundo Arend, só a partir da década de 1960 quando meninas e meninos, ainda muito jovens, passaram a ter trajetórias de estudos semelhantes.⁴⁶ Isso aconteceu quando, na maioria das escolas públicas e privadas, ambos passaram a dividir os bancos escolares.

Dando continuidade ao processo de mudança na educação escolar, de acordo com Rosemberg, a educação das mulheres no Brasil passou por um longo e lento processo de evolução até chegar a plena igualdade em nossos dias⁴⁷. Isso só se tornou realidade a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), na década de 1970. Na década de 1990 houve reversão do cenário e as mulheres passaram a apresentar uma taxa de analfabetismo menor do que a dos homens. Antes disso a educação das mulheres estava voltada para o seu sucesso no lar e não em qualquer outra atividade profissional. Hoje as mulheres são maioria na educação superior e podem vislumbrar um futuro profissional.

Com a igualdade entre meninos e meninas nos bancos escolares o que foi feito em benefício da educação como um todo trará consequências para ambos, mas nem sempre com os mesmos resultados. Poulsen e Bandeira destacam que os governos brasileiros nos últimos 20 anos deram importância ao ensino superior no Brasil com incentivo do Ministério da Educação (MEC) e também houve a entrada do setor privado no ramo⁴⁸.

2.2 A presença e a formação de mulheres na educação superior

Resultados dessa atenção ao ensino segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) descreve a forte expansão no número de matrículas no ensino superior, gráfico 2. No Brasil, em 1980, existia 1,38 milhões de alunos e alunas matriculados e matriculadas em Instituições de Ensino Superior (IES) em algum curso de graduação. Em 1990, o número era de 1,54 milhões, o que representa um aumento de 11% em relação à década anterior.

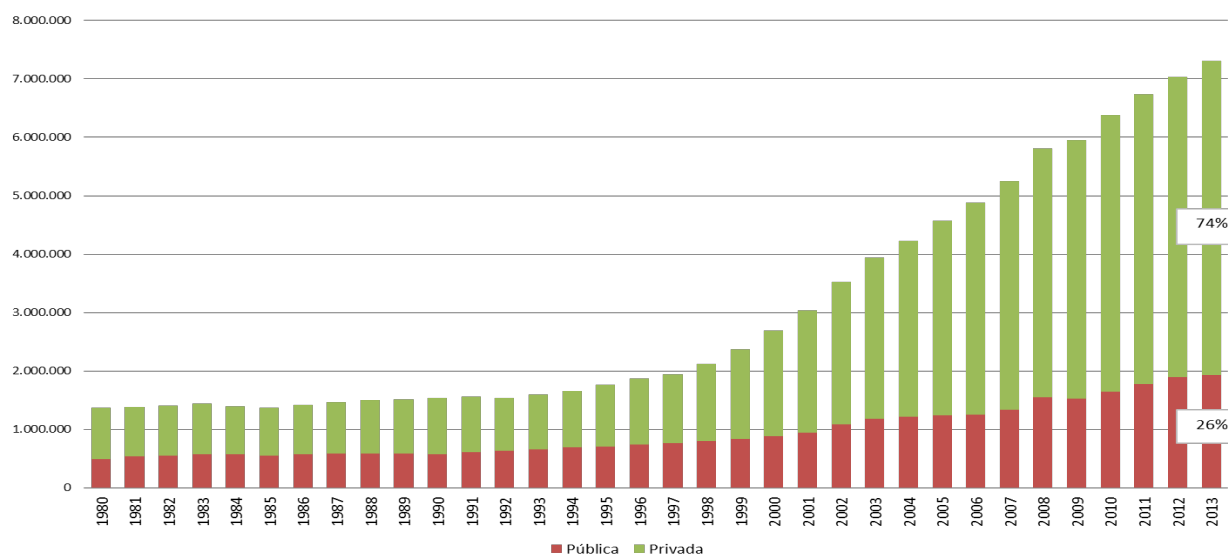
⁴⁶ AREND, Sílvia Fávero. **Trabalho, Escola e Lazer**. In: Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (Orgs). Nova História das Mulheres. São Paulo: Contexto, 2012. p. 65-82.

⁴⁷ ROSEMBERG, 2012.

⁴⁸ POULSEN, Camilo José; BANDEIRA, Denise Lindstrom. XXXVIII Encontro da ANPAD. **Um estudo exploratório dos regimes acadêmicos adotados por instituições privadas de ensino superior no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ – 13 a 17 de setembro de 2014.

Já na década de 2000 o número estava em 2,7 milhões, representando um aumento de 75% em relação à década de 1990. Na década de 2010, o Brasil atingiu mais de 7,0 milhões de alunos e alunas matriculados e matriculadas em IES, e mais do que duplicou o número de graduandos e graduandas, um aumento de 136% em relação à década de 2000.

Gráfico 2. Evolução das matrículas de Educação Superior de Graduação, por Categoria administrativa Brasil – 1980 – 2013.



Fonte: MEC/Inep 2013

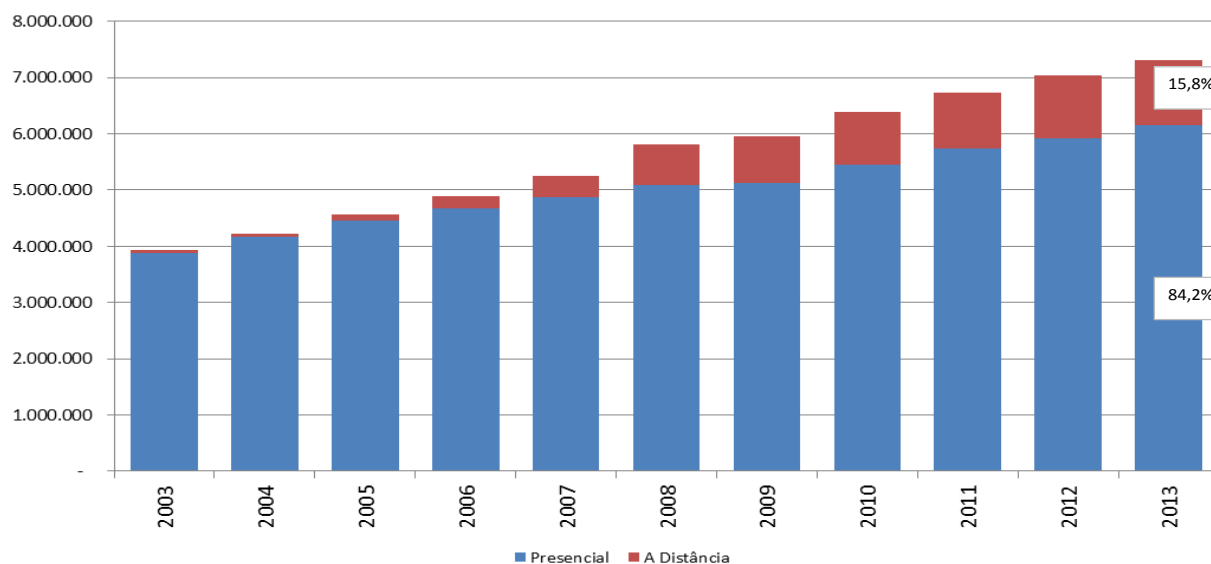
Nota-se que o crescimento na educação superior foi considerável. Mas o Estado usou para isso a ajuda da iniciativa privada. As IES particulares em 2013 tiveram uma participação de 74% no total de matrículas de graduação. Vale lembrar que a política dominante na época da aprovação da LDB na América Latina era o neoliberalismo que tende a minimizar a participação do Estado em todos os setores da sociedade e isto incluiu a educação⁴⁹.

Os dados abaixo, gráfico 3, mostram um crescimento dos cursos de graduação à distância no número de matrículas em relação ao presencial. No período de 2011 a 2012 houve um crescimento de 3,1% nas graduações presenciais e 12,2% nos cursos à distância. Já no período de 2012 a 2013 o crescimento do curso a distância foi menor. A matrícula cresceu 3,9% nos cursos presenciais e 3,6%

⁴⁹ PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente.** Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, Dezembro/99. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a06v2068>>. Acesso em: 27/09/2015.

nos cursos à distância⁵⁰. No entanto, os cursos à distância já contam com um número superior a 15% na matrícula de graduação⁵¹.

Gráfico 3. Evolução da matrícula na educação superior por modalidade de ensino – Brasil 2003-2013.



Fonte: MEC/Inep, 2013

A educação à distância para muitos(as) surge como única esperança para fugir da exclusão educacional e no projeto de uma nação fraterna, justa e solidária passa pelo desenvolvimento da educação e distribuição do conhecimento a partir do ensino superior. Apesar dos esforços dos diversos governos no Brasil ainda existe um grande trabalho a ser feito para o acesso ao ensino superior pelas classes menos favorecidas e neste grupo pode ser incluído trabalhadores(as) de tempo integral e também aqueles(as) com dificuldades de acesso aos locais de ensino presencial.⁵² No período de 2011 a 2012, conforme gráfico 4, as matrículas cresceram 4,6% nos cursos de bacharelado, e 0,8% nos cursos de licenciatura e

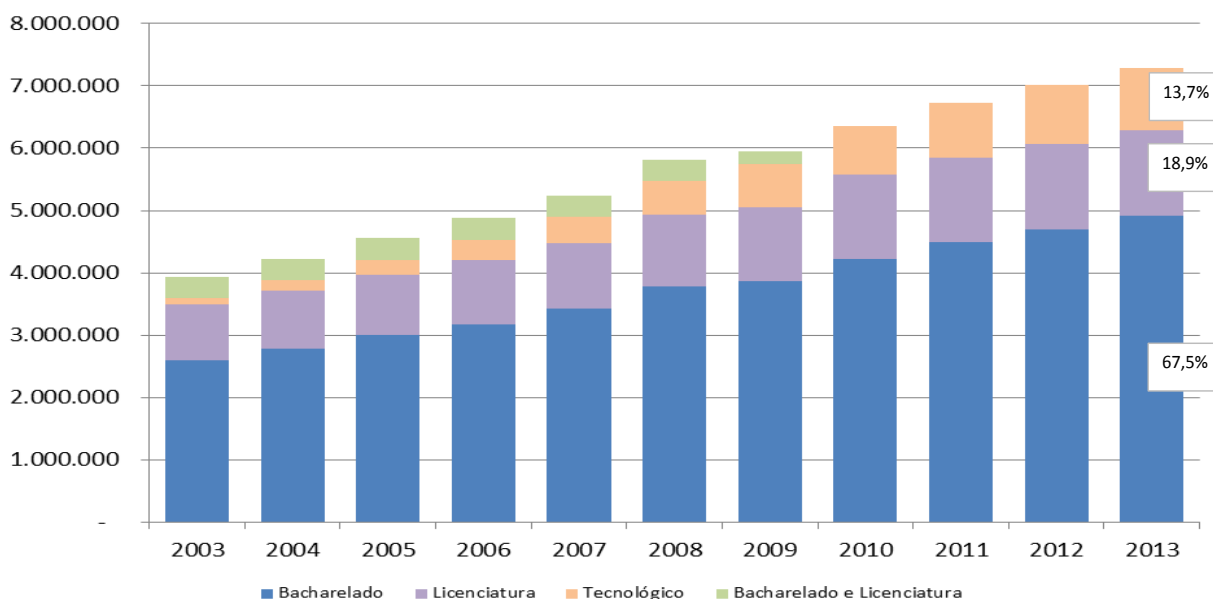
⁵⁰ MEC/Inep. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/apresentacao_coletiva_censo_superior_2012.pdf>. Acesso em: 26/08/2015.

⁵¹ MEC/Inep. (Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). **Censo da educação brasileira 2013**. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censo_superior_2013.pdf>. Acesso em: 27/09/2015.

⁵² ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância) – **Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância**. Coordenação: Fábio Sanchez. 3 ed. São Paulo: Instituto Monitor, 2007. Disponível em: <<http://www.abraead.com.br/anuario/anuario2007.pdf>>. Acesso em 27/09/2015.

8,5% nos cursos tecnológicos. Já no período de 2012 a 2013 as matrículas no curso de bacharelado cresceram 4,4%, nos cursos de licenciatura 0,6% e nos cursos tecnológicos 5,4%. Os cursos de bacharelado tem uma participação de 67% nas matrículas, enquanto os cursos de licenciatura e tecnológicos participam com 18,7% e 13,7%, respectivamente⁵³.

Gráfico 4. Evolução da matrícula na ensino superior de graduação curso-Brasil 2013.



Fonte: MEC/Inep, 2013

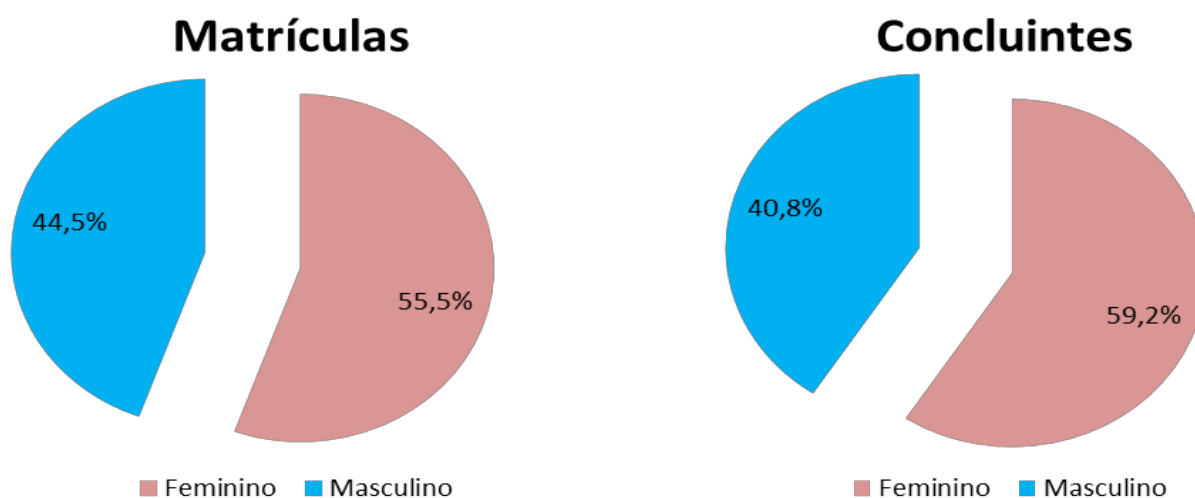
O gráfico anterior mostra um crescimento acentuado das matrículas de bacharelado e tecnológico em comparação com as de licenciatura. Segundo Pereira há vários fatores que contribuem para a baixa formação de docentes, destacando-se baixos salários e as más condições de trabalho, jornada de trabalho excessiva e a falta de planos de carreira⁵⁴.

Desde uma perspectiva de gênero, no entanto, é importante olhar com mais atenção para esses dados. O gráfico 5, apresenta a realidade sobre a presença de mulheres no ensino superior. Segundo esses dados, elas são maioria no ensino superior e isto poderá contribuir para mudanças na sociedade.

⁵³ MEC/INEP, 2012; 2013.

⁵⁴ PEREIRA, 1999.

Gráfico 5: Matrículas e concluintes na Educação Superior por Gênero – Brasil – 2013.



Fonte: MEC/Inep, 2013

Segundo Rosemberg, para superar diferenças existentes no campo da educação formal superior em relação aos homens, as mulheres tiveram que vencer várias barreiras impostas pela educação formal⁵⁵. Entre elas estava a segregação sexual do ensino, visto que as meninas não podiam estar nem mesmo no ambiente que os meninos para estudar e havia limitação no conteúdo, pois elas eram consideradas mais frágeis e acreditava-se que tinham uma inteligência mais limitada que a dos homens. Por isso a educação para elas deveria ser voltada para as atividades do lar.

O autor citado acima ainda comenta que, mesmo com mais acesso à educação, isto não garantiu às mulheres igualdade de oportunidades. Ainda no ensino médio, quando existia a possibilidade de escolha, as meninas optavam pelo curso normal que preparava professoras para o ensino fundamental. Já no ensino superior elas optavam por carreiras que preparavam professores e professoras para o ensino médio (Tabela 1). Estes tipos de escolhas por parte das mulheres tornaram-se uma preocupação para as feministas que viam nestas escolhas uma segregação sexista, evidenciando um encaminhamento das mulheres para o mercado de trabalho menos valorizado.

⁵⁵ ROSEMBERG, 2012, p. 333-334.

Tabela 1: Dez maiores Cursos de Graduação em Número de Matrículas, por Gênero–Brasil–2013.

Curso	Feminino	Curso	Masculino
Pedagogia	568.030	Direito	355.020
Administração	445.226	Administração	354.888
Direito	414.869	Engenharia civil	183.297
Enfermagem	194.166	Ciências contábeis	136.733
Ciências contábeis	191.298	Ciência da computação	106.266
Serviço social	157.919	Engenharia de produção	97.658
Psicologia	146.347	Engenharia mecânica	91.802
Gestão de pessoal / RH	138.243	Engenharia elétrica	74.840
Fisioterapia	88.007	Formação de professor de educação física	71.215
Arquitetura e urbanismo	79.293	Análise e Desenvolvimento de Sistemas	66.383

Fonte: MEC/Inep 2013.

Nota: Os cursos sem as cores estão entre os 10 maiores cursos nos dois gêneros.

Apesar de existir um número cada vez maior de mulheres no ensino superior nas mais diversas áreas, o que se observa é uma concentração das mulheres nas profissões das áreas da Educação e Humanas. A pergunta seguinte, então, é se a presença majoritária de mulheres no ensino superior significa uma igualdade no mercado de trabalho?⁵⁶

2.3 Gênero e mercado de trabalho

Segundo Matos e Borelli o trabalho das mulheres muitas vezes é confundido com os afazeres domésticos, os cuidados com a família e a casa⁵⁷. Desta forma as tarefas laborais realizadas dentro de casa não são reconhecidas como trabalho. Por isso a dificuldade em se reconhecer o trabalho da mulher realizado em lares mesmo que seja remunerado e realizado no mercado de trabalho. Ainda assim, para muitos, este último atrapalha as atividades consideradas “naturais” das mulheres, as de mãe e esposa.

Segundo Rago, o mercado de trabalho apresentou variações ao longo do tempo com relação às diferenças entre homens e mulheres⁵⁸. Na indústria têxtil, por

⁵⁶ MATOS; BORELLI, 2012, p.145.

⁵⁷ MATOS; BORELLI, 2012, p.127.

⁵⁸ RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. In: Mary Del Priori (org.); Carla Bassanezi Pinsky (coord. de textos). História das Mulheres no Brasil / 10 ed., São Paulo: Contexto, 2012. p. 578 a 606.

exemplo, em 1894 as mulheres chegavam a 67,62% da mão de obra empregada nos estabelecimentos fabris. Em 1919 as mulheres continuavam sendo maioria em São Paulo e no Distrito Federal. Além de serem maioria nas fábricas, muitas mulheres trabalhavam até 18 horas por dia para algumas fábricas de chapéus ou alfaiataria dentro de suas próprias casas, o que beneficiava as indústrias que deixavam de pagar alguns impostos. Apesar do grande número de mulheres nas indústrias fabris ocorreu, com o passar do tempo, a substituição delas por homens na medida em que avançava a mecanização.

Em épocas mais recentes o número de mulheres voltou a subir nas empresas e com um detalhe que pode significar que ainda não existe igualdade de gênero na escolha das profissões. Segundo Laufer apesar de se constatar o crescimento do número de mulheres no mercado de trabalho no mundo, observa-se como exemplo a França onde, em 1994, 77% das mulheres entre 25 a 49 anos estavam exercendo alguma atividade profissional. O que aconteceu lá talvez não seja diferente do que aconteceu com a maioria dos países com maior participação das mulheres no mercado de trabalho. Outro dado com relação à participação das mulheres no mercado de trabalho é que existe uma concentração dessa participação em algumas profissões, como por exemplo: em 1990, das 455 profissões, apenas 20 delas empregavam 47% das mulheres, e em 316 profissões estavam 10% das mulheres⁵⁹.

As dificuldades foram grandes para que as mulheres saíssem de casa e elas ainda não tinham muitas opções de trabalho. Louro comenta que era preferível que as mulheres fossem professoras, pois o magistério não subverteria a inclinação natural delas, pelo contrário, era a sublimação⁶⁰. Para a confirmação disso seria necessário que o magistério fosse apresentado como atividade de amor, de entrega e doação. Tudo foi muito cômodo para que se construísse a imagem das professoras como dóceis, dedicadas e pouco reivindicadoras, ideal para não questionar salários, carreira, condições de trabalho.

No Brasil, na década de 1950, segundo Matos e Borelli, houve um aumento do número de crianças nas escolas e com isso aumentou a demanda por docentes⁶¹. Foi neste momento que se favoreceu a entrada das mulheres e de várias classes sociais nesta profissão.

⁵⁹ LAUFER. **Igualdade profissional e ações afirmativas**: o caso da França. Editora Boitempo. Ed 2000 reimpressão 2002. São Paulo, SP. p.41-47.

⁶⁰ LOURO, 2012, p. 450.

⁶¹ MATOS; BORELLI, 2012, p.138.

As autoras acima mencionadas ainda apontam para outro motivo que favoreceu a entrada das mulheres na docência. O motivo é claro era o próprio salário e o fato da docência ser comparada a um sacerdócio. Isto fazia com que a boa professora não se preocupasse com salários e sim apenas com os(as) alunos(as). O resultado disso foi a queda nos salários ao longo do tempo de tal forma que nas décadas de 1960 e 1970 as professoras eram obrigadas a fazer mais de uma jornada de trabalho.

Uma das justificativas para a saída dos homens do magistério está relacionada à queda de salários. Segundo Louro⁶², a partir desse momento passou-se a associar ao magistério as características próprias das mulheres: paciência, minuciosidade, afetividade, doação. Neste sentido, a carreira de docente estava mais para sacerdócio do que para profissão. Com esse pensamento estava mais do que justificada a saída dos homens do magistério, indo para outras ocupações bem mais rentáveis

Pelo que parece sempre foi difícil ao longo da história construir uma igualdade de gênero no mercado de trabalho nas mais diferentes profissões. Bastava as condições de trabalho melhorarem que logo as mulheres eram deixadas em segundo plano. Segundo Matos e Borelli, no início do século XX a enfermagem era domínio das freiras, mas com as mudanças ocorridas neste setor que favoreciam o aprimoramento de conhecimento e aumentava-se assim as possibilidades de cura, o controle da enfermagem saiu das mãos das freiras e passou para as mãos dos médicos. Mas nesse período a boa enfermeira era aquela que possuía qualidades tais como, “esmero, paciência, abnegação, cautela e docilidade no trato geral do paciente (limpar, arrumar, administrar remédios e curativos)”. As enfermeiras possuíam uma jornada de trabalho tão grande que praticamente podia-se dizer que moravam no hospital, em regime de internato. Seu comportamento moral deveria ser exemplar, dentro e fora do hospital⁶³.

O que se percebe é que a valorização da profissão muitas vezes está relacionada com questões de gênero. Isto é mencionado por Sullerot, com o passar do tempo as mulheres aumentaram a diversificação das atividades desenvolvidas por elas, mas determinadas atividades não dão a aparência de que sejam trabalhadoras, o que está relacionado com o fato dessas profissões terem

⁶² LOURO, 2012, p. 450.

⁶³ MATOS; BORELLI, 2012, p.138.

características masculinas ou não.⁶⁴ Por exemplo: as atividades domésticas não sugerem que a pessoa seja um trabalhador ou uma trabalhadora, por causa de suas características consideradas femininas. Já um trabalho na área química pode sugerir que a pessoa seja um trabalhador ou uma trabalhadora por causa das características consideradas masculinas atribuídas à profissão. Então a valorização do trabalhador ou da trabalhadora está relacionada com as características da profissão, se ela apresenta-se com traços considerados masculinos ou femininos. A opinião das pessoas em geral é de que as mulheres são trabalhadoras se o trabalho se aproximar do que é consentido aos homens.

Atualmente existem profissões que passaram por transições de domínio e a odontologia é uma delas. Isso pode estar relacionado com o aumento da escolaridade das mulheres e também com a própria necessidade de trabalhar e ainda cuidar do lar. Matos e Borelli atestam que a odontologia teve um crescimento entre as mulheres no país.⁶⁵ Os dados confirmam isso. Em 1940 existiam apenas 11% de mulheres nesta profissão, e em 2010 elas já totalizavam 56,3% dos profissionais nessa área. Este quadro mostra que além do prestígio de se poder ser independente exercendo uma profissão, surgiu também como mais uma profissão que confere às mulheres a possibilidade de trabalhar e cuidar dos filhos, das filhas e do lar. Rosemberg corrobora essa realidade relatando que muitas profissões escolhidas por mulheres hoje estão relacionadas com a facilidade de cuidarem dos filhos, das filhas e do lar e ainda trabalharem.⁶⁶ Em um primeiro momento tem-se a impressão que se trata de uma igualdade de gênero, o que, de fato, não é.

Sendo inevitável a procura por trabalho, no mundo contemporâneo em que vivemos, a mulher tornou-se seletiva em relação à escolha de uma profissão que lhe possibilitasse uma maior flexibilidade de horários, permitindo-lhe a conciliação profissional e pessoal, o que de certa forma é oferecido pela odontologia⁶⁷.

A partir do ano 2000 observou-se uma diminuição dos diferenciais das áreas de conhecimento. Isto significa que agora há mulheres entrando em carreiras consideradas masculinas, mais do que homens entrando em carreiras

⁶⁴ SULLEROT, Evelyne. **A mulher no trabalho: História e Sociologia**. Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 1970. p.10.

⁶⁵ MATOS; BORELLI, 2012, p.139-140.

⁶⁶ ROSEMBERG, 2012.

⁶⁷ MOIMAZ, Suzely Adas Saliba; SALIBA, Nemre Adas; BLANCO, Mikaela Reginee Basso. A força do trabalho feminino na odontologia, em Araçatuba – SP. J Appl Oral Sci 2003; 11(4): 301-5. Disponível em: <www.revistas.usp.br/jaos/article/download/3150/3839> Acesso em: 21/11/2015.

consideradas femininas, como é o caso de homens na educação e mulheres na engenharia. Existem explicações para este tipo de escolha por parte das mulheres. Uma delas está associada à flexibilidade da carreira que permite cuidar dos filhos, das filhas e do lar e, ao mesmo tempo, da carreira profissional⁶⁸.

O trabalho fora de casa para as mulheres ainda é marcado por dificuldades, principalmente quando o assunto é remuneração e jornada dupla. Abordando essa questão, Matos e Borelli falam que mesmo as mulheres ocupando um número cada vez maior nas diversas áreas do mercado de trabalho, elas continuam em maior número nas áreas onde a remuneração é menor⁶⁹. Ainda que as mulheres tenham aumentado sua contribuição dentro de casa com seu salário e até, em muitas situações, sejam as únicas a sustentarem a família, seu trabalho ainda é, na maioria das vezes, considerado de complemento e assumem toda a responsabilidade com o cuidado da casa, das filhas e dos filhos.

Nos casos em que existem impedimentos ou dificuldades para manter o trabalho simultâneo com os cuidados com o lar, Billac afirma que as mulheres que trabalham fora de casa buscam ajuda para cuidar dos filhos e das filhas através da terceirização das atividades do lar⁷⁰. Na maioria das vezes, mulheres trabalhadoras das camadas mais baixas da sociedade que até pouco tempo eram exploradas em todos os seus direitos como trabalhadoras domésticas são contratadas para resolverem o problema de trabalho das mulheres da classe média.

A situação de exploração das trabalhadoras é comum nas diversas profissões e isto pode acontecer por limitar a participação nas áreas onde os salários e prestígios são menores. Rosemberg, discutindo a inclusão das mulheres brasileiras na educação superior desde 1970 até os dias atuais, mostra que um grande número dirige-se ao magistério⁷¹. Em 2009 no Brasil existia 57 milhões de estudantes e um número estimado de 2.674 milhões de professores e professoras, sendo 81,1% eram mulheres. Entretanto os percentuais de professoras nos diferentes níveis escolares no ensino não ocorre de maneira homogênea: as professoras estão concentradas nas etapas iniciais da educação, enquanto os professores

⁶⁸ ROSEMBERG, 2012.

⁶⁹ MATOS; BORELLI, 2012, p.146.

⁷⁰ BILLAC, Elisabete Dória. Tempo Social, revista de Sociologia da USP, v. 26, nº.1. **Trabalho e família: articulações possíveis**. junho 2014. p.131.

⁷¹ ROSEMBERG, 2012.

estão nas etapas finais da educação, como pode ser observado na tabela 2 abaixo. Esta segregação dentro de uma profissão tem como resultado a manutenção das mulheres em áreas com menores salários.

Tabela 2. Distribuição percentual de professores por sexo, segundo os grupos de níveis de ensino em que trabalham. Brasil e regiões, 2009.

Regiões	Mulheres			Homens		
	etapas/níveis			etapas/níveis		
	Inicias*	Terminais*	Total	Inicias*	Terminais*	Total
Brasil	78,1	21,9	100,0	37,0	63,0	100,0
Norte	82,0	18,0	100,0	53,8	46,2	100,0
Nordeste	77,1	22,9	100,0	48,0	52,0	100,0
Sudeste	75,9	24,1	100,0	28,6	71,4	100,0
Sul	74,2	25,8	100,0	30,2	69,8	100,0
Centro-oeste	69,0	31,0	100,0	31,6	68,4	100,0

Fonte: Tabulações especiais de microdados da PENAD 2009.

* Agrupamos nas etapas iniciais a educação infantil e o ensino fundamental; nas terminais, o ensino médio e superior.

O aumento do número de mulheres no mercado de trabalho deve ser visto não apenas como uma conquista, mas também com preocupação pelo fato de que muitas dessas mulheres passaram a trabalhar por salários mais baixos que os dos homens e isso de fato tem contribuído para o seu empobrecimento. Uma vez que não existem melhorias nos serviços públicos como creches para atender estas chefes de família, os filhos(as) dessas mulheres têm que fazer as atividades domésticas cuidando de si e de seus irmãos e irmãs menores, trazendo prejuízos também para seu desenvolvimento escolar⁷².

A América Latina como um todo também apresenta crescimento no número de mulheres no mercado de trabalho, mesmo que as condições em muitas profissões não são as ideais no momento para as mulheres. Existe também uma grande quantidade de mulheres restritas ou condicionadas a determinados setores da economia que pode contribuir para as desigualdades de gênero no trabalho.

⁷² SEMINÁRIO MULHER. Mercado e Relações de Trabalho (1999:Brasília). **Mulher, mercado e relações de trabalho**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2000.

Mas, apesar desta situação atual, acredita-se que a longo prazo essas diferenças sejam vencidas pelo crescimento continuado do número de mulheres nos diferentes ramos da economia⁷³.

Neves chama a atenção também para fato de que existem ainda muitas mulheres que trabalham em condições que só faz aumentar a pobreza feminina, tanto pelas condições precárias como pela discriminação⁷⁴. Dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) de 2011 mostram que ainda existe desigualdade no mercado de trabalho, pois existe uma grande quantidade de mulheres “presas” ao trabalho doméstico. É justamente esse tipo de trabalho que sempre apresentou uma situação de precariedade em relação as condições de trabalho e aos direitos trabalhistas. Além disso, neste segmento é bem nítida a dupla discriminação de “gênero e raça”, pois é em sua maioria formada por mulheres negras.

Em países como o Brasil existe um paradoxo que é a feminização da pobreza apesar do aumento das mulheres no mercado de trabalho. Isso ocorre não apenas nos serviços tradicionais, mas também em setores contemporâneos da economia. Cerca de 50% dos(as) empregados(as) de banco no Brasil são mulheres, mas estas ainda em sua maioria ocupam cargos de operações mais simplificadas e repetitivas⁷⁵.

O que está acontecendo no Brasil segundo Leite e Salas são duas tendências: a primeira mostra um crescimento da força de trabalho menor do que a dos homens e a segunda, uma estabilização na segregação ocupacional por setor de acordo com o gênero⁷⁶. A autora e o autor mostram que as mulheres ocupadas cresceram menos de 5 milhões de 2004 a 2012. Já os homens tiveram um aumento de quase 5,5 milhões. Porém as mulheres estão concentradas na agricultura, no comércio, na educação, em saúde e serviços sociais e nos serviços domésticos. Desta forma a participação das mulheres na economia está mais relacionada à reprodução e dos homens com a produção.

Apenas quando as mulheres passaram a ter as mesmas possibilidades de conteúdos dentro das escolas as mulheres conseguiram chegar mais longe

⁷³ DELGADO, Didice G; CAPPELLIN. **Mulher e trabalho: experiências de ação afirmativas**. (Orgs.) SOARES, Paola e Vera. São Paulo, SP: Boitempo, 2002. p. 41- 57.

⁷⁴ NEVES, Magda de Almeida. Cadernos de pesquisa. v. 43 nº149 p.404-421. **Anotações sobre trabalho e gênero**. maio/ago. 2013. p. 409.

⁷⁵ SEMINÁRIO MULHER, 2000.

⁷⁶ LEITE, Marcia de Paula; SALAS, Carlos. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.26, nº.1. **Trabalho e desigualdades sob um novo modelo de desenvolvimento**. junho 2014. p. 94.

nos estudos, e com isso, uma melhor preparação para o mercado de trabalho. Apesar dessa melhor preparação e até superação na qualificação em relação aos homens em muitos casos, isso não garantiu uma igualdade nas questões envolvendo trabalho. Na maioria das vezes as mulheres continuaram exercendo atividades inferiores nas diversas áreas de trabalho ⁷⁷.

A realidade das trabalhadoras no Brasil não reflete uma situação em que se deva comemorar a igualdade de gênero. O que se percebe é uma quantidade cada vez maior de mulheres nos diversos mercados de trabalho, mas, na grande maioria deles as mulheres estão trabalhando para receber salários inferiores aos dos homens e isso mesmo que estas mulheres tenham que sustentar suas famílias. Desta forma o que se constata é um empobrecimento das mulheres e também que os mercados de trabalho para as mulheres ainda não são plenamente favoráveis a elas ⁷⁸.

O que se observa nos papéis desempenhados pelas mulheres dentro da sociedade são valores e significados que a própria sociedade fornece. Assim, a socialização confere o chamado papel social que cada ator ou atriz desempenhará dentro da sociedade e a mulher acaba escolhendo profissões segundo pressões coercitivas que as deixam com a responsabilidade de desempenhar papéis preestabelecidos pela própria sociedade, segundo Martins ⁷⁹.

⁷⁷ ROSEMBERG, 2012, p. 333-334.

⁷⁸ MATOS; BORELLI, 2012, p.146.

⁷⁹ MARTINS, 2010, p. 43.

3 A REALIDADE DO MERCADO DE TRABALHO PARA MULHERES

A questão de gênero na atual sociedade brasileira é resultado de vários fatores que contribuíram para a formação do que hoje é a cultura brasileira. Ao longo do tempo essa cultura recebeu influência por parte de vários elementos, mas pode-se destacar ética, teologia, educação, religião. Esses elementos permeiam e influenciam toda a sociedade, inclusive o mercado de trabalho para as mulheres. As oportunidades e dificuldades, ou seja, a realidade que as mulheres encontram nos mais variados mercados de trabalho é também um reflexo da cultura sexista presente na sociedade brasileira.

3.1 Dificuldades no mercado de trabalho

O conceito de androcentrismo ajuda a entender a forma como funcionam as sociedades⁸⁰. Dentro dessa perspectiva as mulheres são consideradas inferiores aos homens, a meio passo das crianças. Esta ideia é antiga e remonta à cultura grega. Os gregos excluíaam as mulheres do mundo pensante, do conhecimento, que foi tão valorizado por aquela civilização. Com os romanos, em seu código legal, a discriminação das mulheres é legitimada através da instituição jurídica do “paterfamílias” que dava ao homem todo o poder sobre as mulheres, sobre os filhos(as), os servos(as) e os escravos(as). O Direito na civilização romana tornou-se a base das desigualdades de gênero, legitimando e perpetuando a posição social inferior das mulheres na história⁸¹.

De acordo com Billac, nem todas as atividades executadas por elas são consideradas trabalho⁸². A primeira dificuldade da mulher é ter reconhecida suas atividades associada a trabalho. O exemplo disso são suas atividades realizadas dentro do lar. Talvez exista resistência em se ver as atividades domésticas como trabalho pelo fato destas atividades não produzirem bens de troca, apenas valores de uso. Desta maneira, a falta do reconhecimento já é o primeiro problema da

⁸⁰ Há mais de 20 anos o feminismo destacou conceitos para análise da condição da mulher o que deu espaço para reflexão de conceitos discriminatórios e excludentes e que determinava a figura masculina como única referência, o que garantia a dominação masculina sobre as mulheres. Como exemplo temos o *androcentrismo* – que trata o homem como única referência no modo de ser e como norma, o gênero masculino é a referência de ser a norma EGGERT, 2011.

⁸¹ COLLING, 2004.

⁸² BILLAC, 2014, p.130-131.

mulher com o trabalho, e já começa dentro da própria casa. As dificuldades da mulher com o trabalho não são apenas estas.

No Brasil, desde o período da monarquia no século XVIII, as mulheres encontraram dificuldades para trabalhar fora de casa. Isto porque, não existia trabalho para as mulheres fora do lar. Em casos extremos de necessidade, como o de viuvez, ou filha de família pobre, não havia muito o que fazer além da prostituição. Para as mulheres negras as opções não eram diferentes e em muitos casos elas eram forçadas à prostituição pelos próprios senhores⁸³.

Já no século XIX, as mulheres passaram a contar com a realidade de exploração dos donos das fábricas. Elas trabalhavam em condições precárias e com cargas horária em torno de dezoito horas e com salários baixos. Mas estas condições já eram melhores do que as dos séculos anteriores, onde nem trabalho existia para elas. A partir de então elas puderam sair de casa para trabalhar e ser reconhecidas como trabalhadoras. Na visão da sociedade conservadora, esta situação não agradava, pois, acreditava-se que a única ocupação da mulher era dentro do lar⁸⁴.

A discriminação contra as mulheres é antiga e o padrão cultural estabelece obrigações que precisam ser cumpridas primeiro dentro de casa. De acordo com Rominelli, antes de cumprir as tarefas do mundo do trabalho formal, as mulheres têm outras preocupações, como a questão dos filhos e das filhas. Como exemplo, asmães indígenas do Brasil, ao saírem para trabalhar na roça, carregavam seus filhos(as) pequenos(as) presos(as) a pano conhecido como *typoiá* nas suas costas ou em seus quadris. Ou seja, as mães não se afastavam de seus(as) filhos(as)⁸⁵.

As dificuldades e impedimentos acompanharam as mulheres. De acordo com Pena, o processo de industrialização, em seu início, no Brasil, teve como mão de obra predominante crianças e mulheres e foram substituídas aos poucos por espanhóis, italianos e até mesmo por migrantes de áreas rurais⁸⁶. As mulheres continuaram a trabalhar, mas na maioria das vezes com prejuízo para elas. Existe um aumento crescente no número de mulheres que atuam em subempregos,

⁸³ BORGES, Wanda Rosa. **A profissionalização feminina**. São Paulo: Loyola, 1980.

⁸⁴ STEVENS, 2010, p.11.

⁸⁵ ROMINELLI, Ronald. **Eva tupinambá**. In: Mary Del Priori (org.); Carla Bassanezi Pinsky (coord. de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 10 ed., São Paulo: Contexto, 2012. p.11a 44.

⁸⁶ PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres e trabalhadoras**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

que são aqueles que apresentam baixos salários, não tem contratos e nem proteção social. Ainda existem as “novas” modalidades de trabalho em domicílio, em tempo parcial ou subcontrato, seguindo o modelo produtivo japonês, que segmenta o mercado de trabalho e é um exemplo seguido em todo o mundo⁸⁷.

O modelo de trabalho japonês centraliza as atividades mais importantes em uma unidade e as outras atividades de menor importância são levadas para fora da empresa, formando uma cadeia de produção na qual existe a empresa chamada cabeça por ser a mais importante, por deter maior tecnologia e onde ficam as fases mais sofisticadas do processo produtivo, as outras fases da produção são levadas para fora da empresa por não serem complexos e nem necessitarem tanto de mão-de-obra qualificada. Assim o que se configura neste modelo de cadeia de valor é o trabalho de maior valor sendo desenvolvido nas grandes empresas e sendo complementado por inúmeras formas de trabalho informal e mal-remunerado. O modelo japonês de trabalho ajuda a esconder problemas da verdadeira situação da mulher no trabalho. Sabe-se que as melhores posições na indústria são ocupadas pelos homens e em geral nesses locais os empregos são vitalícios em virtude da estabilidade que as principais indústrias podem proporcionar. Já nas indústrias secundárias não oferecem estabilidade e nem requerem maiores qualificações e normalmente esses empregos são destinados às mulheres. Também são reservados para as mulheres a responsabilidade do cuidado com o lar e com os filhos⁸⁸.

Este modelo de produção japonês é utilizado em vários países e inclusive na América Latina, o que significa que se repete a tendência de se reservar os empregos de maior qualificação onde os salários são maiores para os homens e deixando os empregos secundários de menor estabilidade, onde os salários são menores para as mulheres⁸⁹.

As desigualdades no mundo capitalista fizeram aparecer as desigualdades entre as classes. Mas não foi o capitalismo que criou a submissão das mulheres aos homens. O que aconteceu no capitalismo é que a opressão dos homens sobre as

⁸⁷ DELGADO; CAPPELLIN. 2002. p. 41-57.

⁸⁸ DELGADO; CAPPELLIN. 2002. p. 41-57.

⁸⁹ DELGADO; CAPPELLIN, 2002.

mulheres ganhou outras esferas além da família e isto evoluiu para as esferas da vida social que inclui o mercado de trabalho⁹⁰.

As dificuldades para o trabalho feminino que existem na atual sociedade tem no seu eixo central a lógica e os ensinamentos patriarcais. A figura do pai se apresenta como de um ser completo que tem capacidade para dirigir o trabalho, a sociedade e o Estado. É ensinado aos homens desde muito cedo que eles têm mais poder que as mulheres. Mesmo quando no caso de mulheres que ocupam cargos de chefia e que exercem de maneira competente tal função costuma-se dizer que tal mulher atua como um homem. Isto significa que ela está no mesmo nível dos homens, ou seja, exerce no imaginário das pessoas o papel de pai simbólico⁹¹.

Existe na sociedade um sistema de crenças associados ao gênero que envolve os estereótipos e representações sobre as características e funções dos homens e mulheres dentro da sociedade. De acordo com o modelo das expectativas as pessoas absorveram as normas e características de comportamento aceitos pela sociedade para ambos os sexos. A forma pela qual as pessoas internalizam as identidades de gênero é explicada pela socialização, pois estas nascem em um ambiente onde já existem os símbolos característicos para cada sexo, e o processo de socialização só faz com que seja reproduzido pelas pessoas⁹².

Entre as dificuldades para trabalhar impostas pela cultura da sociedade as mulheres ainda tiveram que enfrentar as dificuldades impostas pela justiça. O Código Civil Brasileiro de 1916 considerou as mulheres casadas relativamente incapazes. Existia a obrigatoriedade do marido autorizar a mulher para que a mesma pudesse trabalhar ou gerenciar seus bens. Só em 1962, a partir do Estatuto da Mulher Casada, é que as mulheres passaram a ter autonomia na decisão de trabalhar e também gerenciar seus bens⁹³.

O modelo androcentrista que impera na sociedade é contra a igualdade de gênero. Uma das explicações prováveis das mulheres aceitarem e absorverem esse modelo de relação entre os sexos está relacionada ao modelo criado pela sociedade onde foram elevadas a condição de deusas, de rainhas – responsáveis pela nação, dignas de respeito e de gratidão por toda a sociedade. No entanto, aquelas que

⁹⁰ PENA, 1981.

⁹¹ EGGERT, 2011, p. 48.

⁹² AMÂNCIO, 1994, p. 27.

⁹³ MARODIN, 1997, p. 32.

fogem ao padrão convencional das relações entre os sexos são ameaçadas das piores punições, pois entende-se que não querem cumprir seu papel de mãe e esposa exemplar. Essas ameaças, reafirmadas de forma repetida, causaram um efeito decisivo sobre a condição das mulheres⁹⁴.

Neste ambiente formado pela sociedade as mulheres são ensinadas desde cedo a cuidarem de outros e outras e se dedicarem aos afazeres domésticos através do lúdico. Isso acontece na infância quando meninas brincam de bonecas e de donas de casa. Dessa maneira praticam ainda bem cedo o que se espera delas na vida adulta. Existe dignidade no trato com os outros e outras e por isso esse tipo de atitude deveria ser uma preocupação natural de todas as pessoas⁹⁵.

A funcionalidade dos papéis sexuais dentro de uma sociedade fica mais acentuada em determinados períodos da história do que em outros. As mulheres são usadas no trabalho de acordo com a necessidade da época. Durante o período da II Guerra Mundial as mulheres americanas desempenharam papéis variados na economia produtiva devido ao recrutamento dos homens. Já no período imediato ao fim da Guerra aconteceu uma acentuação dos papéis tradicionais, com uma redução do número de mulheres na população estudantil e também no doutorado e já neste mesmo período a maioria dos cursos procurados pelas mulheres eram enfermagem, secretariado, educação e economia doméstica⁹⁶.

Para que as mulheres voltassem aos seus afazeres de antes da Guerra, Louro argumenta que a sociedade tinha que mostrar que era incompatível para elas o exercício das atividades profissionais concomitante com as atividades domésticas. Existia o argumento religioso e higienistas que responsabilizavam as mulheres pelo cuidado com a manutenção de uma família saudável. O casamento e a maternidade eram considerados a verdadeira carreira para as mulheres. Qualquer outra atividade que levasse a outro destino diferente deste era considerado como um desvio do que era normal. As atividades profissionais representavam um perigo para as atividades sociais das mulheres. Por outro lado, as atividades que eram aceitas pela sociedade para as mulheres eram aquelas que tinham semelhança com as características consideradas femininas, como a enfermagem, magistério, porque são atividades que

⁹⁴ COLLING, 2004.

⁹⁵ EGGERT, 2011, p. 22.

⁹⁶ AMÂNCIO, 1994, p. 22

necessitam de qualidades identificadas com as mulheres que são cuidado, sensibilidade, amor e vigilância.

Ainda de acordo com Amâncio, via-se nos Estados Unidos neste período a mão da comunidade científica tentando colocar as mulheres no serviço de casa⁹⁷. A sociologia e a psicologia apontavam para a importância das atividades domésticas das mulheres para manutenção da saúde da família. O que se percebeu neste período foi um aumento da procura de mulheres aos serviços psicológicos devido ao descontentamento resultando em frustrações causadas pelas discrepâncias entre o nível de suas formações e as atividades desempenhadas nos lares.

Os fatos comprovam que as mulheres não deveriam ser abandonadas à própria sorte sem a “proteção” de políticas que garantam a sua empregabilidade. O Estado é sabidamente um grande empregador de mão-de-obra das mulheres. Quando isso não acontece, pelo fato de faltar com suas obrigações dos serviços sociais como, saúde, educação e segurança social, as mulheres perdem duas vezes. O abandono de políticas voltadas para o cuidado das crianças quando as mães saem para trabalhar pode resultar em altos índices de violência, pois existe um número muito grande de crianças que ficam sem assistência e na prática essas crianças ou ficam abandonadas nas ruas ou são deixadas com vizinhos(as) ou até mesmo com os irmãos(ões) mais velhos(as) que ainda assim são crianças. Isso é consequência do fato de as mulheres buscarem dar sustento à família e às suas crianças⁹⁸.

O que se percebe é uma forte interferência da cultura do país agindo de maneira direta sobre os destinos das mulheres. Mas não se deve esquecer que não existe apenas um fator agindo isoladamente que determina as desigualdades de gênero. Existem também fatores sociais e econômicos mais amplos⁹⁹.

Dentro dos fatores que contribuem para as desigualdades estão as normas de comportamento consideradas masculino e feminino que estão inseridas na cultura e que influenciam a maneira das mulheres entrarem no universo das atividades públicas. De acordo com essas normas, elas precisam de ajustes nos papéis

⁹⁷ AMÂNCIO, 1994, p. 22.

⁹⁸ SEMINÁRIO MULHER, 2000.

⁹⁹ CARVALHO NETO, Antônio Moreira de; TANURE, Betânia; ANDRADE, Juliana. RAE electron. São Paulo, v. 9, n. 1, jun. 2010. **Executivas: carreira, maternidade, amores e preconceitos..** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-56482010000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 set. 2015.

sexuais, muito mais nas áreas públicas do que nas privadas, pois as atividades dentro da família permaneceram as mesmas sem uma divisão significativa das tarefas. A multiplicidade de papéis tem muito mais consequência para as mulheres do que para os homens, em virtude de elas serem muito mais solicitadas pela família e isso independente de exercerem apenas atividades domésticas ou acumularem as duas funções¹⁰⁰.

Para que sejam vencidas as grandes barreiras enfrentadas pelas mulheres no mercado de trabalho é importante começar com atitudes simples, mas que podem trazer benefícios a longo prazo. Segundo Eggert, para mudar o processo de exclusão das mulheres é preciso ter consciência e possibilitar processos educativos que transformem a ordem simbólica do cotidiano instalado que é excludente¹⁰¹. Aparentemente para algumas pessoas a linguagem inclusiva não tem valor, porque ela questiona coisas sem importância. Mas como o exemplo de como isso pode afetar a história, algumas escritoras teuto-brasileiras denunciaram que a historiografia oficial da colonização alemã no Brasil é contada sob a perspectiva masculina e assim não menciona a participação das mulheres na história e sim apenas a participação dos homens.

As mulheres encontraram várias dificuldades para trabalhar no Brasil, uma delas, porque, a sociedade não educava as mulheres para o trabalho fora do lar¹⁰², e quando as mulheres tiveram sua primeira oportunidade de trabalho como assalariadas no primeiro período da industrialização do país, só poderiam exercer funções subalternas por falta de qualificação. Mas, como não era bem visto aos olhos da sociedade manter as mulheres nas fábricas, elas foram substituídas por imigrantes homens¹⁰³. Com o passar do tempo houve a necessidade das mulheres ocuparem espaços deixados pelos homens em algumas profissões, mas, mesmo assim as mulheres tiveram que se submeter, desta vez não apenas a falta de qualificação, mas também a uma cultura patriarcal. Desta forma em sua maioria, os melhores empregos e posições hierárquicas dentro das organizações continuaram por muitos anos e até nos dias atuais sendo ocupados por homens¹⁰⁴.

¹⁰⁰ AMÂNCIO, 1994, p. 72.

¹⁰¹ EGGERT, 2011, p.18-30.

¹⁰² MATOS; BORELLI, 2012. p.136.

¹⁰³ STEVENS, 2010, p.11.

¹⁰⁴ DELGADO; CAPPELLIN, 2002.

As mulheres, ainda se ressentem de existir como referência apenas o modelo masculino de chefia, e mesmo nas profissões onde as mulheres são maioria, o modelo de chefia é masculino, e quando em qualquer profissão a mulher executa de forma exemplar o papel de chefe, é dito que ela chefia como homem¹⁰⁵.

A cultura da sociedade é machista, e por isso, é cobrado das mulheres que trabalham fora de casa primeiro que cuidem do lar¹⁰⁶, e depois da carreira. As dificuldades das mulheres começam com o preconceito de que elas não são capazes de exercer funções ditas masculinas, este tipo de atitude está na cultura e esta é absorvida por toda a sociedade. Nos dias atuais com a qualificação das mulheres, elas aos poucos até migram para profissões anteriormente dominadas por homens, mas estas mudanças ocorrem na maioria das vezes não apenas por conta de salários mais altos, mas por possibilitarem que elas exerçam a jornada dupla¹⁰⁷. Apesar de muitas mudanças dentro dos mercados de trabalho, necessita-se cuidar para que as mulheres consigam trabalhar fora do lar e ainda cuidarem do lar¹⁰⁸.

3.2 Proteção e exclusão no trabalho

Matos e Borelli, falam sobre os problemas enfrentados pelas mulheres até mesmo quando o poder público criou leis com o objetivo de beneficiá-las¹⁰⁹. No desenvolvimento das mulheres no trabalho aconteceram situações inusitadas, como nos anos de 1917 a 1919 quando foram criadas leis que visavam a proteção das mulheres no trabalho, mas estas leis criaram confusão. As primeiras medidas que visavam regulamentar o trabalho das mulheres proibia o trabalho no período noturno e elas também não deveriam trabalhar no último mês de gravidez e durante o primeiro mês após o nascimento do bebê. Estas medidas ao invés de protegerem as mulheres, fizeram com que houvesse demissões e provocassem falta de interesse dos empresários em contratá-las, visto que a mão de obra delas se tornara cara.

Tais situações que criaram embaraços e mais problemas do que benefícios estão associadas à falta de planejamento adequado. Isso aconteceu com as mulheres no Brasil devido a não existir pesquisas cuidadosas na área das Ciências

¹⁰⁵ EGGERT, 2011, p. 48.

¹⁰⁶ AMÂNCIO, 1994, p. 72.

¹⁰⁷ ROSEMBERG, 2012.

¹⁰⁸ MARODIN, 1997, p. 32.

¹⁰⁹ MATOS; BORELLI, 2012.

Sociais a não ser de maneira esporádica no que se refere a organização familiar, nos movimentos sociais, na política ou no trabalho coletivo. Aconteceu ainda que de maneira consciente ou inconsciente, as mulheres foram apagadas de nossa história e isso pode dar a falsa impressão de que esse é um país habitado apenas por homens¹¹⁰.

As Ciências Sociais aderiram a um modelo de divisão do trabalho em que o doméstico pertence às mulheres e a área produtiva pertence aos homens e como consequência disso a atividade doméstica não pertence ao conceito de trabalho. Existem vários desdobramentos em consequência disso e um deles é o simples fato da palavra “trabalhador” ser associada aos homens e quando as mulheres desempenham alguma atividade remunerada fora do domicílio é citada como “mulher-trabalhadora”¹¹¹.

Sem uma devida preparação ou planejamento adequado Matos e Borelli argumentam que a proteção das mulheres no trabalho se deu de maneira desorganizada, e só a partir de 1943, com a criação das leis trabalhistas da CLT, se menciona a equiparação salarial entre homens e mulheres¹¹². Em 1960 foram criadas novas leis para garantir a equivalência salarial entre homens e mulheres e também a licença maternidade foi ampliada para 120 dias em 1988. Mas estas leis que garantiam melhores condições de trabalho tiveram um efeito colateral, pois acabaram provocando discriminação das mulheres no mercado de trabalho.

Billac diz que mesmo as garantias ou proteção proporcionadas pela CLT e pelo desenvolvimento econômico mais especificamente nos anos de 2004 até 2011, principalmente pela conjuntura internacional que favoreceu o país, não garantiram às mulheres proteção contra o desemprego (gráfico 6)¹¹³. A taxa de desemprego entre as mulheres continuou muito superior a dos homens em todas as regiões metropolitanas, inclusive no Distrito Federal.

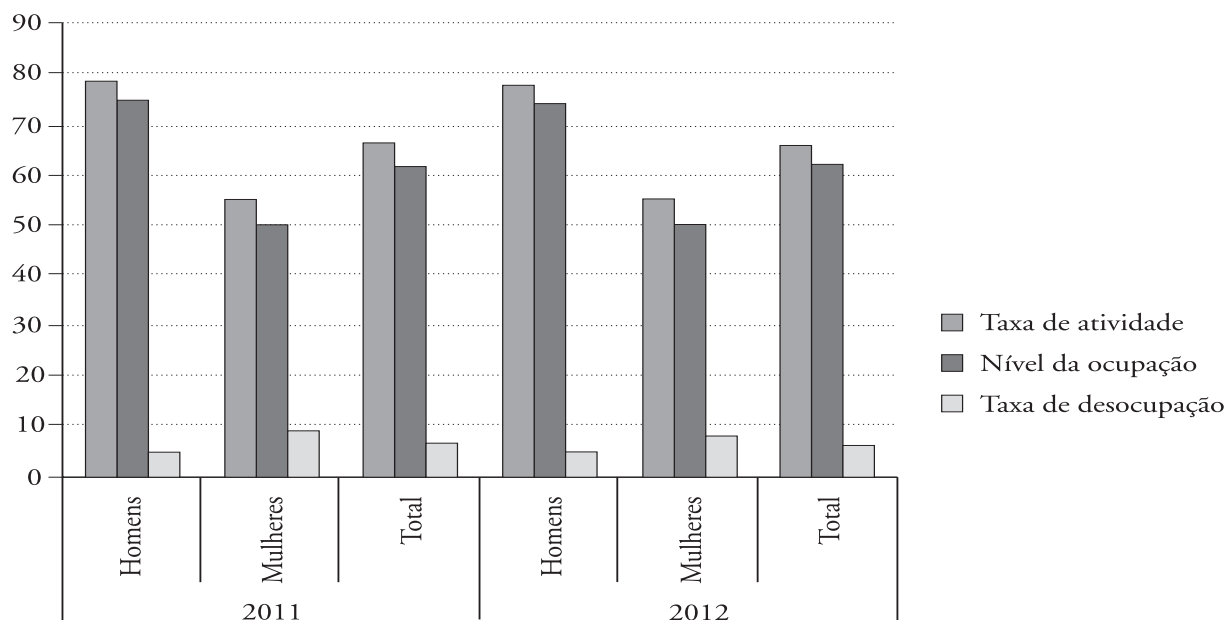
¹¹⁰ PENA, 1981.

¹¹¹ AMÂNCIO, 1994, p. 26.

¹¹² MATOS e BORELLI, 2012, p.141-142.

¹¹³ BILLAC, 2014, p. 134.

Gráfico 6. Indicadores do mercado de trabalho para população de 15 anos ou mais por sexo (Brasil, 2011-2012)



Fonte: IBGE/PNAD, 2012.

As leis criadas para dar sustentabilidade às mulheres no mercado de trabalho têm-se mostrado insuficientes, incapazes de dar garantias de permanência (de acordo com a figura 6 do gráfico acima) nos empregos e isso até em períodos em que a economia do país é favorável.

Mesmo as leis criadas para dar apoio às mulheres são influenciadas pela cultura machista que desconsideram até a Constituição de 1988 que garantiu a igualdade entre homens e mulheres e isso na matéria civil, penal, trabalhista, ou processual. Ainda hoje está impregnado na lei do divórcio o ranço discriminatório que desobriga os homens do pagamento de pensão alimentícia quando a mulher for considerada culpada pela separação. Apesar das mudanças de valores por parte do Superior Tribunal de Justiça ainda existem muitas decisões punitivas a partir de uma compreensão sobre a sexualidade das mulheres, pois, se espera delas um comportamento considerado casto para que possam manter o direito a alimentos ou a guarda dos filhos e das filhas¹¹⁴.

Sustentabilidade é um termo utilizado em várias áreas que representa a

¹¹⁴ MARODIN, 1997, p. 33-35.

capacidade de se manter. De certa forma, Billac aponta para esta situação pela qual as mulheres passam, pois elas se qualificam para o mercado de trabalho, mas a permanência nos postos de trabalho fica comprometida por falta de políticas de Estado que garantam às famílias e, principalmente, às mulheres condições que dêem apoio às mudanças necessárias como escolas, creches e sistemas de saúde para a população trabalhadora¹¹⁵.

As leis servem para dar certa garantia, mas nem sempre têm um resultado eficiente. No entanto, existem as ações afirmativas no mercado de trabalho adotadas nos EUA e na Europa para acabar com as desigualdades de oportunidades de trabalho entre homens e mulheres. Alguns obstáculos que as mulheres tem que enfrentar são: discriminação na busca de empregos, dificuldades de ascensão a postos de chefia, desigualdades de remuneração. As ações afirmativas são medidas práticas baseadas no princípio da não-discriminação, criadas por iniciativas privadas ou como parte de políticas governamentais¹¹⁶.

Na tentativa de diminuir as diferenças trabalhistas numa perspectiva de gênero o governo brasileiro criou o Programa Pró-Equidade¹¹⁷ instituído na década de 1980 para tentar diminuir as desigualdades, uma vez que no Brasil as mulheres representam mais da metade da população economicamente ativa (52,6%). Mesmo no setor público ou privado as mulheres ocupam a base da pirâmide ocupacional, estão nos cargos que se exigem menor qualificação e remuneração e ainda se soma a isso o fato de que o seu rendimento corresponde apenas a 65% do rendimento dos homens¹¹⁸.

Nem todos os empresários pensam na equidade de gênero. Alguns aproveitam brechas nas leis trabalhistas e criam programas de flexibilização das formas de contratação. Assim, algumas empresas que estão na cadeia produtiva implantam políticas de redução de custos e muitas vezes optam por fazer subcontratação. Isso afeta diretamente as mulheres porque crescem a informalidade sob o formato de terceirização do trabalho afetando os direitos trabalhistas. Além

¹¹⁵ BILLAC, 2014, p.130.

¹¹⁶ DELGADO; CAPPELLIN, 2002.

¹¹⁷ O Programa intitulado Pró-Equidade visa fazer a conscientização das empresas sobre a necessidade de oportunidades entre homens e mulheres. O Governo brasileiro ao instituir o I Plano Nacional de Políticas para as Mulheres contribuiu para mudanças econômicas, políticas e sociais para as mulheres. Este plano contribui para igualdade dos gêneros, levando em consideração a diversidade de raça e etnia (STEVENS, 2010).

¹¹⁸ STEVENS, 2010.

disso, resulta em condições permanentes as propostas que no início seriam ditas como passageiras. Desta forma existe um crescimento da mão de obra feminina no serviço informal¹¹⁹.

As mulheres ingressaram no mercado de trabalho sem proteção às suas necessidades. Quando se pensou em fazer alguma coisa, foram feitas de maneira desorganizadas, sem estudos e sem levantamentos adequados dos impactos para os empresários(as). As leis que deveriam servir para dar proteção, funcionaram exatamente ao contrário, e promoveram demissões e falta de interesse em novas contratações de mulheres. O que se percebe na prática são empresários e empresárias tentando fazer economias à base de subcontratações, ou seja, retirando-se parte dos direitos das mulheres conseguidos ao longo do tempo. O resultado disso é a exploração da mão de obra da mulher, que continua tendo seu trabalho desvalorizado¹²⁰.

3.3 Ocupação e ascensão profissional

Nessa parte propõe-se mostrar a situação das mulheres no mercado de trabalho com maior nível de exigência de qualificação.

Se por um lado o trabalho passou a ser um fator dinâmico da produção para o qual se voltam as mais novas e diversas tecnologias, por outro lado, acompanha-se uma redução substancial do capital variável no processo produtivo. Há uma busca de fixação da força de trabalho mais qualificada e mais adequada aos novos requisitos da produção, assim como há uma redução drástica do quadro de trabalhadores desqualificados

Com o crescimento da economia baseada na indústria surgiram situações¹²¹ complexas na década de 1950. Não foram apenas as grandes indústrias que surgiram no cenário, mas também o Estado se tornou maior enquanto agente econômico. Assim, surgiu a necessidade de pessoal qualificado para gerir o

¹¹⁹ NEVES, 2013, p. 406.

¹²⁰ BILLAC, 2014, p. 134.

¹²¹ SERPA, Nara Cavalcante. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 9., 23 a 26 de agosto, 2010. **Anais...A inserção e a discriminação da mulher no mercado de trabalho: questão de gênero**. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1265896752_ARQUIVO_ARTIGOREVISAO.pdf> Acesso em: 01 nov. 2015.p.7-8

funcionamento dessa engrenagem produtiva e administrativa¹²².

Com a expansão dos serviços de consumo coletivo, que seguem à dinâmica do processo de industrialização, abriu-se novas possibilidades de absorção de mão de obra das mulheres, especialmente para aquelas com maior nível de educação formal nas áreas ligadas à saúde, educação e outras atividades¹²³.

Na América Latina as mulheres representam uma força de trabalho que atinge um percentual entre 25 a 35% que chefiam as famílias. Por isso, não são consideradas força secundária. Ao contrário, são mulheres que se tornaram as chefes de família por garantir o sustento material e em virtude disso exige-se uma maior preparação para se manterem no mercado de trabalho¹²⁴.

No Brasil, por volta da década de 1970, quando houve a modernização da economia, houve crescimento do emprego para mulheres no setor industrial moderno ou eletroeletrônico. Esse foi um dos elementos que contribuiu para diminuir o predomínio dos homens como provedor absoluto do lar nas diversas camadas sociais¹²⁵.

A política econômica adotada pelo país afeta a distribuição do trabalho e isso pode ser sentido principalmente pelos grupos sociais menos favorecidos. A chegada ao poder no Brasil do grupo que se afasta do ideal neoliberal favoreceu a políticas voltadas a efetivação de um programa nacional de desenvolvimento e deixa à mostra o resultado de uma estrutura social marcada por profundas desigualdades com base no gênero e na raça que afetam a distribuição do trabalho¹²⁶.

3.4 Barreiras na ascensão profissional

A atual situação mundial mostra um cenário que torna cada vez mais difícil tanto para homens, quanto para mulheres cargos de direção. É um quadro que está presente para todos aqueles e todas aquelas que estão em situação que precisam tomar decisões¹²⁷.

¹²² MARTINS, Carlos Benedito. EDUCAÇÃO E SOCIEDADE. Revista quadrimestral de Ci Billac (2014, p131) Billac Billacência da Educação. Ano X – número 34. **Surgimento e expansão dos cursos de administração no Brasil (1952 – 1983)**. Cortez editora, São Paulo, Billac 1989.

¹²³ PENA, 1981, p.16.

¹²⁴ DELGADO; CAPPELLIN, 2002.

¹²⁵ BILLAC, 2014, p.130.

¹²⁶ LEITE; SALAS, 2014, p.90.

¹²⁷ MACHADO, João Armando Dessimon; CORONEL, Daniel Arruda; PINTO, Nelson Guilherme Machado; LAGO, Adriano. XXXVIII Encontro da ANPAD. **O Processo Decisório na Implantação de Estrutura para Armazenagem de Soja ao Nível de Propriedade Rural: O Caso da Microrregião de Santo Ângelo – RS**. Rio de Janeiro, RJ. 13 a 17 de setembro de 2014.

Os cargos de liderança na maioria das vezes são desafiadores para as mulheres, uma vez que a maioria dos modelos de liderança que as mulheres tem acesso atualmente é dos homens. E tem sido assim por vários séculos. Isto impõem às mulheres uma masculinização do modelo de liderança¹²⁸.

Segundo Stevens existem estratégias históricas relacionadas a sexualidade que indicam o lugar das mulheres na sociedade. As mulheres são compreendidas apenas como corpos, dirigidas pelos seus hormônios. Se for assim como se pode dar responsabilidades às mulheres? como se pode dar direitos, posições, poderes e autoridade? As mulheres seriam dominadas por suas histerias e o discurso da tensão pré-menstrual (TPM) serve para este raciocínio¹²⁹.

O trabalho de produção realizado pelas mulheres desde muito cedo tem seu valor reduzido porque é ensinado que o que vem delas não merece atenção e nem é tão importante e por isso não tem valor. O pensamento é que o que elas realizam serve apenas para complementar no orçamento doméstico¹³⁰. Quando se fala em qualidade do trabalho o que é levado em consideração é a qualificação baseada no sexo de quem faz. Assim, um dos fatores determinantes da qualidade é o gênero. Para o mercado de trabalho sexista a questão de qualidade é dependente de gênero de quem realiza o trabalho¹³¹.

De acordo com Lígia Amâncio, no século passado, à luz dos estudos da psicologia entre as diferenças dos sexos, foram criados mitos sobre a inferioridade natural das mulheres no mundo do trabalho a partir de uma análise influenciada pelo pensamento da época¹³². Estes estudos na maioria das vezes pontuavam a diferença social das mulheres baseada nas diferenças biológicas, sendo que as pesquisas sempre partiam do princípio da inferioridade das mulheres. Dessa forma, se tentava encontrar as causas que sustentassem esta ideia, mas o formato da pesquisa estava orientado pelo preconceito, o que comprometia os resultados.

Colling firma que a história das mulheres sempre foi dependente dos homens, porque foram eles durante muito tempo os únicos historiadores¹³³.

¹²⁸ SALOMON, Nancy D. **Cause impacto: o que toda mulher precisa saber para transformar todo seu potencial em resultados na vida e no trabalho**; traduzido por Gisele de Queiroz Pinto Deschampel. São Paulo: Gente, 2011. p. 66.

¹²⁹ STEVENS, 2010.

¹³⁰ EGGERT, 2011, p. 22.

¹³¹ NEVES, 2013, p.412.

¹³² AMÂNCIO, 1994.

¹³³ COLLING, 2004.

Estes escreveram a história dos homens, de modo universal, e a história das mulheres foi desenvolvida à margem. Os historiadores foram os porta vozes das mulheres ao longo da história e assim elas ficaram ocultas como sujeitos, tonando-se invisíveis. Os homens foram responsáveis pelas construções conceituais e hierarquizaram a história. Assim a identificação diferenciada do sexo assumiu valores diferentes: as mulheres sempre inferiores aos homens. Este modelo de hierarquia se tornou universal, onde a diferença entre os sexos determinou a desigualdade mascarada pelo modelo masculino debaixo da pretensa neutralidade sexual dos sujeitos.

No geral os estudos sobre o trabalho das mulheres chegaram à conclusão de que o trabalho constitui para as mulheres um campo de subordinação. Isto ocorre porque elas ocupam com frequência postos mais baixos na hierarquia ocupacional quando comparado aos homens, tem menos chances de mobilidade, recebem sistematicamente salários menores, possuem uma taxa de instabilidade mais alta no emprego, demonstram politicamente de forma menos agressiva sua condição de trabalhadora de maneira que suas determinações de classe são mais sutis¹³⁴.

A mobilidade de ascensão profissional é dificultada para as mulheres devido à uma cultura dominante que é favorável aos homens. Nesta cultura eles representam autoridade e poder e, por este motivo, as mulheres devem exercer apenas atividades subordinadas aos homens. Por isso as ações afirmativas são imprescindíveis nos casos em que as diferenças profissionais têm como base o gênero¹³⁵.

Esta situação se reflete também nos salários. As mulheres que possuem nível de escolaridade superior ao dos homens garantem sua participação no mercado de trabalho, mas isso não garante melhores salários quando comparado ao dos homens em qualquer país da América Latina, independente do nível de escolaridade. E quanto maior for a diferença do nível educacional maior será a diferença salarial em favor dos homens¹³⁶.

Os resultados destes estudos acima corroboram com os dados apresentados a seguir, por exemplo: mesmo as mulheres tendo credenciais de escolaridade

¹³⁴ PENA, 1981.

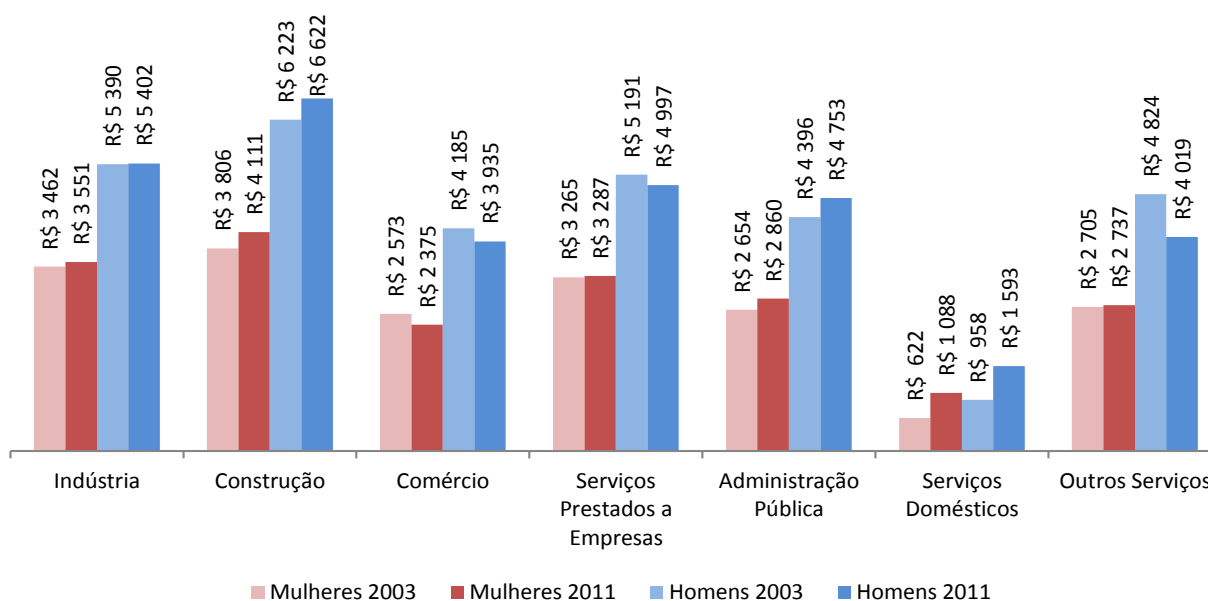
¹³⁵ NEVES, 2013, p. 409.

¹³⁶ DELGADO; CAPPELLIN, 2002.

superiores que seus colegas homens, elas não percebem os mesmos ganhos nos salários. Os dados do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) nos cargos de nível superior mostra uma diferença de remuneração em relação a gênero bem considerável: em 2010 as mulheres recebiam 63,8% do salário dos homens, sendo menor do que era pago em 2000, quando o percentual era de 65,2%¹³⁷.

Segundo a pesquisa mensal de emprego¹³⁸ (PME) realizada pelo IBGE (2012), em 2011 o salário em média das mulheres continuava inferior ao dos homens. A diferença salarial entre homens e mulheres é perceptível em diversas faixas de escolaridade. Em um comparativo da pesquisa PME de 2011 entre as mulheres e homens possuindo graduação ainda permanece a diferença salarial a favor dos homens conforme gráfico número 7.

Gráfico nº 7 - Rendimento médio real habitual da população ocupada com nível superior, por grupamentos de atividade, segundo o sexo (em R\$ a preços de dezembro de 2011) – 2003 e 2011*



FONTE: IBGE (2012), Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Mensal de Emprego 2003-2011.

*Média das estimativas mensais.

Esta pesquisa teve o cuidado de fazer a comparação apenas entre os

¹³⁷ NEVES, 2013, p.410.

¹³⁸ A Pesquisa Mensal de Emprego – PME, implantada em 1980, produz indicadores para o acompanhamento conjuntural do mercado de trabalho nas regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Trata-se de uma pesquisa domiciliar urbana realizada através de uma amostra probabilística, planejada de forma a garantir os resultados para os níveis geográficos em que é realizada” (IBGE, 2012).

rendimentos daqueles grupos de trabalhadores (as) que possuem a mesma escolaridade e dentro da mesma atividade profissional. A questão da diferença salarial entre homens e mulheres é fato. Isto ocorre apesar do aumento da escolaridade feminina, visto que o gráfico mostra o predomínio dos salários pago aos homens nas diversas áreas do mercado de trabalho das pessoas com curso superior completo¹³⁹.

Existem muitos fatores que contribuem para a exclusão das mulheres nos cargos de liderança dentro das organizações. Mas, um dos fatores mais poderosos é o fator psicológico. Existem mulheres atuando em muitas atividades públicas com efetiva competência e no momento de competirem pelos cargos de poder elas não acreditam em seu potencial para ocupar tal cargo. Não basta apenas conceder a igualdade jurídica, é preciso que a igualdade se torne efetiva e para isso deve-se pensar nos mecanismos da discriminação que tornam o mito da submissão das mulheres constante. Isso ocorre nos mais variados níveis: institucionais, sociais, educacionais e principalmente internos, emergentes da identidade psicológica. A conquista da igualdade não se deve apenas a fatores externos, mas principalmente a partir de fatores internos, que tem início com a construção da identidade interna, a partir de um sentimento pessoal¹⁴⁰. As próprias mulheres assumem um discurso de desmerecimento, apontando para os homens como aqueles que devem ocupar o lugar de poder no mundo político. A questão do consentimento é central na manutenção do poder, seja social ou sexual. Não é possível falar da relação de gênero sem se falar de consentimento, porque ele está tão enraizado nas vidas dos homens e das mulheres que tem sido assumido sem que as pessoas se dêem conta de que ele existe¹⁴¹.

As mulheres especificamente na área profissional dentro dos níveis mais elevados nas mais diferentes organizações ainda encontram dificuldades para sua mobilidade funcional baseada na hipótese chamada de “telhado de vidro de uma representação masculina de autoridade e poder”.

¹³⁹ IBGE. Pesquisa mensal de emprego. **Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas**. 08 março de 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf> Acesso em: 27/10/2015.

¹³⁹ MARODIN, 1997, p. 36.

¹⁴⁰ COLLING, 2004.

Isto indica que mesmo as mulheres possuindo níveis mais elevados de escolaridade ainda vão esbarrar nas dificuldades da divisão social onde existem os espaços diferenciados a partir de questões de gênero na constituição de hierarquia¹⁴².

Ainda sobre as barreiras impostas às mulheres na ascensão profissional Rocha et al,¹⁴³ “o teto de vidro é uma barreira sutil e transparente, forte o suficiente para evitar a passagem das mulheres aos níveis hierárquicos mais elevados nas organizações onde trabalham”.

“[...] barreiras sutis e imperceptíveis impeditivas de oportunidades de carreira ao gênero feminino, bem como de progresso profissional, denominado de efeito teto de vidro (glass ceiling) e mais atualmente cunhado de “labirinto organizacional”.¹⁴⁴

Os salários diferenciados não motivam e além disso, existem fatores que não favorecem a ascensão da carreira por parte das mulheres. Os fatores do capital humano onde os homens fazem mais investimento em educação e treinamento e além disso excluem as mulheres de redes informais de relacionamento e onde podem-se favorecer com promoções e a permanência no cargo. A família não impede a dedicação de tempo integral á carreira por parte do homem. Já com as mulheres o mesmo não acontece, pois elas têm a obrigação de se dedicar aos filhos(as) e marido. Nos fatores socioeconômicos nas culturas mais masculinas se espera uma atitude mais agressiva nas atividades profissionais¹⁴⁵.

As mulheres são caracterizadas por certos estereótipos como ao caráter da mulher trabalhadora ser dócil, limitada aos interesses familiares. Em certas situações estes estereótipos têm contribuído para sua empregabilidade, mas não de maneira que altere suas diferenças quanto ao rendimento ou mudanças nas divisões de poder no trabalho e melhoria do nível de vida das mulheres¹⁴⁶.

A autoridade é sempre constituída na imagem do sujeito masculino, branco, letrado, proprietário e pai de família, isto é, heterossexual. Para que essa condição permaneça como uma constante se faz necessário a extração dessa autoridade de outrem. Isto se constitui em violência moral constante. Este tipo de violência

¹⁴² NEVES, 2013, p. 409.

¹⁴³ ROCHA, Caroline Dantas; SILVA, Gleice Rodrigues da; SÉ, Verônica Aparecida da; FLORIANO, Viviane Aparecida da Silva; MELO, Fernanda Augusta de Oliveira. SEGeT, 2014. XI Simpósio de excelência em gestão e tecnologia. **O Fenômeno Teto de Vidro na Ascensão à Posição Hierárquica das Mulheres no Mercado Formal: Barreiras**. Disponível em: <<http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/38320405.pdf>> Acesso em: 22/11/2015.

¹⁴⁴ ROCHA et al, 2014.

¹⁴⁵ CARVALHO NETO; TANURE; ANDRADE, 2010.

¹⁴⁶ SEMINÁRIO MULHER, 2000.

é psicológica e a última instância dessa violência é a violência física. A hierarquia deste mundo é representado pela violência moral¹⁴⁷.

Os extremos de como a realidade é definida entre masculino e feminino determina como será encarado o trabalho e como acontecerá a divisão dos cargos. É óbvio que em culturas consideradas masculinas as mulheres estarão em cargos inferiores aos dos homens e, por isso, os cargos de gerência serão dominados pelos homens por serem considerados como possuindo raciocínio e ambição necessárias para o sucesso. As mulheres terão ainda salários menores quando comparados com os homens nas mesmas funções. Os casos em que será permitido a gerência por parte das mulheres serão em profissões cujo domínio seja delas, como professora ou enfermeira, ou em profissões de apoio como secretárias. Mesmo nestas profissões quando exercem a gerência elas tendem a imitar o padrão masculino por conta das pressões que o próprio cargo e a cultura do mercado exercem. Em culturas consideradas femininas prevalece a igualdade de gênero, não existe preferência entre os sexos para gerência, pois o que vale é a capacidade e esta não depende do gênero¹⁴⁸.

De acordo com Carvalho Neto et al, Geert Hofstede um pesquisador holandês que pretendia conseguir dar resposta as seguintes perguntas,

Como diferem as culturas de uma região do mundo para outra? Em que sentido as culturas nacionais de diferentes países são similares? Que efeitos produzem essas culturas sobre as atitudes e comportamentos nas organizações?¹⁴⁹

Ainda de acordo com o autor acima, Hofstede fez um estudo pioneiro com a participação dos funcionários da IBM sediados em 40 países diferentes. Foram 116 mil questionários, que ajudaram a descobrir que a maioria das diferenças entre as culturas desses países podiam ser caracterizadas por quatro dimensões. Aversão à incerteza, masculinidade-feminilidade, individualismo-coletivismo e distância do poder. Este trabalho dará atenção apenas as questões de *masculinidade* e *feminilidade* desta pesquisa. A *masculinidade* empregada por Hofstede refere-se ao grau em que uma cultura está fundamentada em valores tais como: “independência, agressividade, dominação e força física”. Deste modo segundo

¹⁴⁷ STEVENS, 2010.

¹⁴⁸ WAGNER III, John A.; HOLLENBECK, John R. **Comportamento organizacional: criando vantagem competitiva**. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Saraiva, 2003.

¹⁴⁹ CARVALHO NETO; TANURE; ANDRADE, 2010, p. 404.

Hofstede as pessoas em um país cuja cultura seja masculina desenvolverão opiniões tais como:

- Os papéis sexuais na sociedade devem ser claramente diferenciados; os homens estão fadados a liderar e as mulheres a obedecer.
- O desempenho independente e as realizações palpáveis são o que contam na vida.
- As pessoas vivem para trabalhar.
- A ambição e a agressividade fornecem a motivação por trás do comportamento.
- As pessoas admiram quem obtém sucesso.

A *feminilidade*, de acordo com a pesquisa de Hofstede, caracteriza a sociedade para seguir valores como: “interdependência, compaixão, empatia e franqueza emocional”. As pessoas em um país com essas características defendem opiniões como:

- Os papéis sexuais na sociedade devem ser fluídos e flexíveis; a igualdade sexual é desejável.
- A qualidade de vida é mais importante do que o desempenho pessoal e as realizações palpáveis.
- As pessoas trabalham para viver.
- Ajudar os outros fornece a motivação por trás do comportamento.
- As pessoas sentem compaixão pela vítima infeliz.

De acordo com Carvalho Neto et al, falando sobre a pesquisa de Hofstede, em contextos onde a cultura pode ser considerada feminina as mulheres conseguem um maior desenvolvimento profissional, pois existe maior avanço em relação à igualdade entre os gêneros. Nos países nórdicos, os homens, e não apenas as mulheres, se sentem responsáveis pelo cuidado com os filhos e as filhas e isso dá mais liberdade e tempo para as mulheres investirem em suas carreiras¹⁵⁰.

Quando as mulheres têm mais cooperação no lar os resultados tendem a ser diferentes do convencional. Exemplo disso pode ser percebido em uma pesquisa realizada com empreendedoras cariocas. Neste estudo ficou demonstrado que 61,2% possuíam nível superior, sendo que 55,1% tinham sua formação na área de “humana/social/médica”. Até aí não fogem ao perfil de formação das mulheres brasileiras. Entretanto o que pode ser percebido é que quase todas empreendedoras contavam com ajuda nos cuidados com o lar. Esta ajuda vinha de empregados e empregadas 64,4%, e dos e das familiares 28,8%. A maioria tinha filhos e filhas (cerca de 83,7%), e a maioria dos filhos e das filhas tinha mais de 18 anos (cerca de 65,9%). Este quadro possibilitou um maior comprometimento com a empresa

¹⁵⁰ CARVALHO NETO; TANURE; ANDRADE, 2010.

pelo fato de não se perceber a “dupla jornada”¹⁵¹.

O que se percebe é uma forte interferência da cultura patriarcal do país agindo de maneira direta sobre os destinos das mulheres. Dentro dos fatores que contribuem para as desigualdades estão as normas de comportamento consideradas masculino e feminino que estão inseridas na cultura e que influenciam a maneira das mulheres entrarem no universo das atividades públicas. Mas, os fatores sociais e econômicos mais amplos também interferem¹⁵².

Este capítulo mostrou que apesar de todo avanço alcançado pelas mulheres nos mais diversos campos profissionais, a divisão do trabalho e a ascensão profissional ainda permanece com base nos papel sexual de gênero predeterminados pela cultura dominante da sociedade.

¹⁵¹ JONATAM, Eva Gertrudes. Psicologia em Estudo, Maringá, v.10, n. 3, p. 373-382,. **Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida**. set./dez. 2005. Disponível: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a04>>. Acesso em 11 outubro, 2015. p. 374-376.

¹⁵² VÁZQUEZ, 2001, p. 83-84.

CONCLUSÃO

As diferentes organizações que pertencem a sociedade são guiadas pelos valores éticos e morais e assim exercem influência em todos os membros que vivem na coletividade. As religiões também são guiadas por valores e são repassados à sociedade, observa-se influência da religião na vida da sociedade principalmente em questões importantes tais como, valores que contribuem para entender aspectos importantes na construção das identidades de gênero. Sociólogos dizem que a religião é internalizada no indivíduo interferindo na própria visão do mundo, e capaz de mudar hábitos e inserir valores, ou seja capaz de orientar a conduta. As religiões contribuíram para formação da imagem e da posição que a mulher deveria ocupar na sociedade ao longo do tempo.

A estrutura social é definida pelo papel social, sendo que a estrutura é um conjunto de “normas, direitos, deveres e expectativas que condicionam o comportamento humano dos indivíduos junto ao grupo ou dentro de uma organização”. Nesta estrutura atual da sociedade brasileira, não são novidades as desigualdades de gênero, e isso, mesmo sabendo-se que para uma vida com qualidade é necessário a equidade, que é um princípio que poderia contribuir para que as pessoas sejam tratadas como iguais.

As desigualdades de gênero são criadas segundo um conceito de hierarquia, e a sociedade mantém estas diferenças por darem significado a elas. As divisões de trabalho estão associadas ao estágio de desenvolvimento em que esta sociedade se encontra. Existe na sociedade brasileira uma dicotomia entre homens e mulheres que constitui-se na desigualdade entre homens e mulheres o que proporciona sujeição das mulheres perante os homens e isso aparentando ser uma ordem universal e igualitária, com reflexos em todos os segmentos da sociedade.

Existe neste tratamento desigual de gênero várias formas de violência contra as mulheres, desde violência psicológica, até a física. Por exemplo, mesmo com a criação da Lei nº 11.340 em 2006, esperava-se uma diminuição do número de homicídios de mulheres, mas, esta diminuição foi temporária, e os índices voltaram a subir e mantem-se em taxas superiores ao período anterior ao da criação da Lei.

A sociedade a partir de padrões sexistas é capaz de garantir prestígio, privilégios de acordo com fatores históricos, sociais, econômicos e organizacionais e

também pode definir a posição que cada um(a) ocupa na sociedade. Isto favorece exclusivamente aos homens, pois, a cultura vigente na sociedade brasileira é a patriarcal, onde o homem é quem toma as decisões e tem competência, as mulheres nesta cultura, funcionam como ajudadoras do homem.

As desigualdades de gênero são criadas segundo um conceito de hierarquia e a sociedade mantém estas diferenças por darem significado a elas. Estes são mantidos através de códigos e símbolos. Estes são ensinados desde a infância, tanto de meninos, quanto de meninas também através do lúdico. As desigualdades de gênero foram deixadas bem as claras na educação, quando as mulheres não tinham as mesmas oportunidades de ensino.

Na abordagem estruturalista a sociedade apresenta um comportamento completamente dinâmico e não deve ser observada como uma estrutura com um único formato. Trata-se de estruturas relativamente estáveis que refletem padrões onde os papéis sociais se apresentam nas ações humanas, e graças a isso, em anos recentes as mulheres puderam receber os mesmo conteúdos nos bancos escolares. Isto favoreceu o aumento do número de mulheres com graduação. Os índices mais recentes indicam que as mulheres superaram os homens. No relatório de 2013 do MEC os homens que concluíram a graduação eram 40,8% e as mulheres concluintes eram 59,2%.

De certa forma deveriam acontecer mudanças na hierarquia do trabalho, visto que as mulheres estão se apresentando mais bem qualificadas que os homens. Mas, pesa contra isso, o fator cultural da sociedade. Esta pesquisa mostrou, que apesar de todos os avanços das mulheres nas diversas áreas de ensino, as mulheres enfrentam inúmeras barreiras no campo profissional que as impedem de serem maioria nos cargos diretivos das organizações.

A pesquisa bibliográfica indica que existe uma influência dos valores éticos e teológicos e culturais no processo de manutenção das diferenças de gênero no mercado de trabalho. A pesquisa também encontra indícios de que os valores e normas que servem de orientação de conduta das relações entre as pessoas têm influência direta no tratamento dispensado às mulheres em todos os níveis da sociedade e inclusive nos mais diversos mercados de trabalho. Esta situação traz uma reflexão de que esse tipo de comportamento dos homens e das mulheres em sociedade é aprendido e transmitido de geração em geração.

Desta forma existem vários fatores que influenciam as decisões das mulheres nos mercados de trabalho. A influência é tanta que direciona as mulheres para determinadas profissões, desde que elas consigam conciliar as responsabilidades domésticas com as profissionais. Por este motivo é possível perceber o domínio de algumas profissões pelas mulheres. A pesquisa bibliográfica mostrou também que o maior número de mulheres graduadas não é suficiente para reduzir as diferenças de gênero nos ambientes de trabalho, mesmo as mulheres chegando nos mercados de trabalho com uma qualificação igual ou superior aos homens.

Foi mostrado nesta pesquisa que a sociedade brasileira é dinâmica, e pode de acordo com seus avanços mudar no futuro as características atuais de desigualdades de gênero, para características iguais a de países que valorizam as mulheres em sua cultura. Os tratamentos dispensados às mulheres hoje são reflexos da cultura dominante no Brasil. A possibilidade de mudanças de valores culturais na sociedade são elementos que demandam um estudo mais aprofundado sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

- ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância) – **Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância**. Coordenação: Fábio Sanchez. 3 ed. São Paulo: Instituto Monitor, 2007. Disponível em: <<http://www.abraead.com.br/anuario/anuario2007.pdf>>. Acesso em 27/09/2015.
- AMÂNCIO, Lígia. **Masculino e feminino**: a construção social da diferença. Edições Afrontamento, 1994.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 8 ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- ARAÚJO, Emanuel. **A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia**. In: Mary Del Priori (org.); Carla Bassanezi Pinsky (coord. de textos). História das Mulheres no Brasil. 10 ed., São Paulo: Contexto, 2012. p. 45 a 77.
- AREND, Silvia Fávero. **Trabalho, Escola e Lazer**. In: Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (Orgs). Nova História das Mulheres. São Paulo: Contexto, 2012. p. 65-82.
- BARBA, M.C.; MARTOS, M.V.E.P.de; FONSECA, R.M.G.S. da. Rev. latino-am. enfermagem, Ribeirão Preto, v. 5, n. 2, **Genero y trabajo femenino en el Peru**. p. 23-31, abril 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v5n2/v5n2a04.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2015.
- BILLAC, Elisabete Dória. Tempo Social, revista de Sociologia da USP, v. 26, nº.1. **Trabalho e família: articulações possíveis**. junho 2014. p.131.
- BORGES, Wanda Rosa. **A profissionalização feminina**. São Paulo: Loyola. 1980.
- BOTELHO, Louise de Lira; FIALHO, Francisco Antônio Pereira. VIII Convibra administração – Congresso Virtual Brasileiro de Administração. **Responsabilidade social e gênero nas organizações: novos paradigmas e desafios para a gestão responsável**. Disponível em: <http://www.convibra.org/upload/paper/adm/adm_2645.pdf>. Acesso em: 11/10/2015.
- BURITY, Joanildo A.. **Religião, política e cultura**. Tempo soc., São Paulo, v. 20, n. 2, p. 83-113, nov. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 set. 2015.
- CARVALHO NETO, Antônio Moreira de; TANURE, Betânia; ANDRADE, Juliana. RAE electron. São Paulo, v. 9, n. 1, jun. 2010. **Executivas: carreira, maternidade, amores e preconceitos..** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-56482010000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 set. 2015.

CASTAÑEDA, Marina. **O machismo invisível**; tradução Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: A Girafa editora, 2006.

CASTRO, Celso A. Pinheiro. **Sociologia do direito**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2001

COLLING, Ana. **A construção histórica do feminino e do masculino**. In: Marlene Neves Strey, Sonia T. Lisboa Cabeda, Denise Rodrigues Prehn (Orgs.) **GÊNERO E CULTURA: Questões Contemporâneas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DELGADO, Didice G; CAPPELLIN. **Mulher e trabalho: experiências de ação afirmativas**. (Orgs)SOARES, Paola e Vera. São Paulo, SP: Boitempo, 2002. p. 41-57.

EGGERT, Edla. **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul, EDUNISC. 2011

FORACCHI, Marialice Mencarine; MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. RJ, Livros Técnicos e Científicos, 1978. p.119.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002

IBGE. Pesquisa mensal de emprego. **Mulher no mercado de trabalho: perguntas e respostas**. 08 março de 2012. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pme_nova/Mulher_Mercado_Trabalho_Perg_Resp_2012.pdf Acesso em: 27/10/2015.

JONATAM, Eva Gertrudes. Psicologia em Estudo, Maringá, v.10, n. 3, p. 373-382. **Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida**. set./dez. 2005. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v10n3/v10n3a04>.> Acesso em 11 outubro, 2015. p. 374-376.

LAUFER. **Igualdade profissional e ações afirmativas: o caso da França**. Editora Boitempo. Ed 2000 reimpressão 2002. São Paulo, SP.

LEITE, Marcia de Paula; SALAS, Carlos. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v.26, nº.1. **Trabalho e desigualdades sob um novo modelo de desenvolvimento**. junho 2014. p. 94.

LIMA, Rita de Cássia Pereira. Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 13(1): 185-201. **Sociologia do desvio e interacionismo**. maio de 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 16 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In: Mary Del Priori (org.); Carla Bassanezi Pinsky (coord. de textos). História das Mulheres no Brasil. 10 ed., São Paulo: Contexto, 2012. p. 443-481.

MACHADO, João Armando Dessimon; CORONEL, Daniel Arruda; PINTO, Nelson Guilherme Machado; LAGO, Adriano. XXXVIII Encontro da ANPAD. **O Processo Decisório na Implantação de Estrutura para Armazenagem de Soja ao Nível de Propriedade Rural: O Caso da Microrregião de Santo Ângelo – RS**. Rio de Janeiro, RJ. 13 a 17 de setembro de 2014.

MARODIN, Marilene. **As relações entre o homem e a mulher na atualidade**. In: Organização de Marlene Neves Strey (org.); Mulher estudos de gênero. São Leopoldo: UNISINOS, 1997. p.10.

MARTINS, Carlos Benedito. EDUCAÇÃO E SOCIEDADE. Revista quadrimestral de Ci Billac (2014, p131) Billac Billacência da Educação. Ano X – número 34. **Surgimento e expansão dos cursos de administração no Brasil (1952 – 1983)**. Cortez editora, São Paulo, Billac 1989.

MARTINS, Eduardo Simões. **Os papéis sociais na formação do cenário social e da identidade**. *Kínesis*, Vol. II, nº 04, Dezembro-2010. Disponível em: <http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/Ospapeissociaisnaformao.pdf> acesso em 04/11/2015.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. **Espaço Feminino no Mercado Produtivo** – In: Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (Orgs). Nova História das Mulheres. São Paulo: Contexto, 2012. p.136.

MAY, Roy H. **Discernimento moral: uma introdução à ética cristã**. Tradução de Walter O. Schulupp. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2008.

NEVES, Magda de Almeida. Cadernos de pesquisa. v. 43 nº149 p.404-421. **Anotações sobre trabalho e gênero**. maio/ago. 2013. p. 409.

MEC/Inep. (Ministério da Educação/Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). **Censo da educação brasileira 2013**. http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/apresentacao/2014/coletiva_censo_superior_2013.pdf. Acesso em 27/09/2015.

MEC/Inep.<http://download.inep.gov.br/educacao_basica/censo_escolar/resumos_tecnicos/apresentacao_coletiva_censo_superior_2012.pdf>. Acesso em 26/08/2015.

MOIMAZ, Suzely Adas Saliba; SALIBA, Nemre Adas; BLANCO, Mikaela Reginee Basso. **A força do trabalho feminino na odontologia, em Araçatuba – SP**. J Appl Oral Sci 2003; 11(4): 301-5. Disponível em:<www.revistas.usp.br/jaos/article/download/3150/3839> Acesso em: 21/11/2015.

MUSSKOPF, André Sidnei. **Talar rosa: homossexuais e o ministério na igreja**. São Leopoldo: Oikos, 2005.

PENA, Maria Valéria Junho. **Mulheres e trabalhadoras**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PEREIRA, Daniel Lanes; MACADAR, Marie Anne; TESTA, Mauricio Gregianin. XXXVIII encontro da ANPAD, Rio de Janeiro, RJ. **Tecnologia da informação e comunicação para o desenvolvimento humano por meio da abordagem de capacidades**. 13 a 17 de setembro de 2014.

PEREIRA, Júlio Emílio Diniz. **As licenciaturas e as novas políticas educacionais para a formação docente**. Educação & Sociedade, ano XX, nº 68, Dezembro/99. <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a06v2068>. Acesso 27/09/2015.

POULSEN, Camilo José; BANDEIRA, Denise Lindstrom. XXXVIII Encontro da ANPAD. **Um estudo exploratório dos regimes acadêmicos adotados por instituições privadas de ensino superior no Brasil**. Rio de Janeiro, RJ – 13 a 17 de setembro de 2014.

PRANDI, Reginaldo. **Converter indivíduos, mudar culturas**. Tempo soc., São Paulo, v. 20, n. 2, p. 155-172, nov. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702008000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 30 set. 2015.

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. In: Mary Del Priori (org.); Carla Bassanezi Pinsky (coord. de textos). História das Mulheres no Brasil / 10 ed., São Paulo: Contexto, 2012. p. 578 a 606.

ROCHA, Caroline Dantas; SILVA, Gleice Rodrigues da; SÉ, Verônica Aparecida da; FLORIANO, Viviane Aparecida da Silva; MELO, Fernanda Augusta de Oliveira. SEGeT, 2014. XI Simpósio de excelência em gestão e tecnologia. **O Fenômeno Teto de Vidro na Ascensão à Posição Hierárquica das Mulheres no Mercado Formal: Barreiras**. Disponível em: <<http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/38320405.pdf>> Acesso em: 22/11/2015.

ROMINELLI, Ronald. **Eva tupinambá**. In: Mary Del Priori (org.); Carla Bassanezi Pinsky (coord. de textos). História das Mulheres no Brasil. 10 ed., São Paulo: Contexto, 2012. p.11a 44.

ROSEMBERG, Flávia. **Mulheres Educadas e a Educação de mulheres** - In: Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro (Orgs). Nova História das Mulheres. São Paulo: Contexto, 2012. p. 96-97.

SALOMON, Nancy D. **Cause impacto: o que toda mulher precisa saber para transformar todo seu potencial em resultados na vida e no trabalho**; traduzido por Gisele de Queiroz Pinto Deschampel. São Paulo: Gente, 2011.

SEMINÁRIO MULHER. Mercado e Relações de Trabalho (1999:Brasília). **Mulher, mercado e relações de trabalho**. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2000.

SERPA, Nara Cavalcante. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos, 9., 23 a 26 de agosto, 2010. **Anais...A inserção e a discriminação da mulher no mercado de trabalho: questão de gênero.** p. 7-8. Disponível em: <http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1265896752_ARQUIVO_ARTIGOREVISAO.pdf> Acesso em: 01 nov. 2015.

SILVEIRA, Nereida Salette Paulo. **Mulheres gerentes: construindo as identidades de gênero no trabalho.** Tese (Doutorado em Administração de Empresas) Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2010. Disponível em: <http://tede.mackenzie.com.br/tde_arquivos/1/TDE-2010-12-08T161456Z-1053/Publico/Nereida%20Silveira.pdf> Acesso em 02/11/2015.

SINNER, Rudolf von. **Teologia pública: um olhar global.** In: Roberto E. Zwetsch, Ronaldo Cavalcante e Rudolf von Sinner (Orgs.). São Leopoldo: Sinodal/EST, 2011. V. 1. p.11-12.

STANCKI, Nanci. **Divisão sexual do trabalho: a sua constante reprodução.** Disponível em: http://www.pucsp.br/eitt/downloads/eitt2003_nancistancki.pdf . Acesso em 06/11/2015

STEVENS, Cristina; et all. **Gênero Feminismos: convergências (in)disciplinares.** São Paulo: Exlibris, 2010.

SULLEROT, Evelyne. **A mulher no trabalho: História e Sociologia.** Rio de Janeiro: Expressão e cultura, 1970. p. 10.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética.** Tradução de João Dell'Anna. 21 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2001. p. 43, 83, 84.

WAGNER III, John A.; HOLLENBECK, John R. **Comportamento organizacional: criando vantagem competitiva.** Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Saraiva, 2003.

WAISELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da violência 2015: Homicídio de mulheres no Brasil.** FLACSO – Brasil, Brasília – DF, 2015. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/MapaViolencia_2015_mulheres.pdf> Acesso em: 20/11/2015.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo.** Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi; Tomás J. M. Szmrecsányi. 15 ed. São Paulo: Pioneira, 2000. p.40.